



Julho-Agosto de 2008

# Ministério

Uma revista para pastores e líderes de igreja



## Em ritmo de espera

Como aguardar  
a volta de Jesus

## Evangelismo Integrado

Os pequenos grupos  
e a evangelização  
pública

# 22 de outubro ou 23 de setembro?

O cálculo dos pioneiros adventistas  
para o início do Juízo Pré-Advento



Loba



Nikolaus Satelmajer

Editor de Ministry

# Em espírito e em verdade

Os tempos da minha infância, lembro-me bem de um grupo de cantores masculinos. Embora eles fossem um pouco desafinados, eu gostava de ouvi-los. Talvez, o fato de meu pai ter sido um dos cantores me predisponha a desfrutar seus cânticos, não importando como eles soassem.

Já passou muito tempo para eu poder me lembrar de todos os hinos, mas um deles tinha duas palavras que ficaram em minha mente: “Galiléia” e “Jesus”. Essa é minha lembrança mais antiga de cânticos num culto, e as palavras *Galiléia* e *Jesus* ainda são parte de minha vida cristã, hoje.

O cântico não tinha a beleza de um hino entoado por uma grande congregação. Não havia órgão, nem qualquer outro instrumento musical. Na verdade, não havia igreja, isto é, não havia o edifício. Eles cantavam em uma casa, que era o local dos cultos frequentados por umas vinte pessoas. Alguns anos mais tarde, quando eu tinha quase treze anos, entrei pela primeira vez num templo para cultuar, ouvir órgão, piano e grupos musicais que sabiam cantar.

Desde então, tenho adorado e pregado em muitas igrejas, grandes e pequenas, em muitos países. Tenho apreciado solos, duetos, trios, quartetos, conjuntos e corais, e tenho sido abençoado pela beleza dos sons de instrumentos musicais, individuais e orquestras. Toda essa música tem nutrido minha experiência de adorador.

Durante meu ministério, já ouvi e participei de muitas discussões sobre música e liturgia. Você sabe como são elas: “O que faz um bom sermão?” “O que faz um grande pregador?” E, se você quiser que o debate alcance uma nota mais alta, puxe o assunto da música: “Quais instrumentos devemos usar?” “Que tipo de música é mais apropriado?” E não faltam “especialistas” para dar opinião.

Porém, nessas discussões, tendemos a focalizar nossas preferências pessoais e nossas opiniões tomam a forma de autoridade. Importantes como tais discussões possam ser, a tendência é nos afastarmos da questão básica da adoração: *Quem* e o *que* estão envolvidos na liturgia?

Não posso abordar adequadamente em uma página, a teologia e a prática do culto, mas gostaria de realçar alguns aspectos importantes.

Primeiramente, devemos entender que manter o foco em Deus é fundamental na adoração. Convida-nos o salmista: “Vinde, adoremos e prostremo-nos; ajoelhe-mos diante do Senhor que nos criou” (Sl 95:6). Falando com a mulher samaritana sobre adoração, disse Jesus: “Deus é espírito; e importa que os Seus adoradores O adorem em espírito e em verdade” (Jo 4:24). Toda discussão sobre culto e o culto em si mesmo devem focalizar Deus. Se focalizarmos outro alguém ou qualquer coisa, estaremos praticando idolatria.

Em segundo lugar, adoração envolve pessoas. O Salmo 95:6 nos convida a nos inclinarmos e adorar a Deus. Onde quer que os filhos de Deus O adorem, como Criador, Salvador e Senhor, eles se juntam a uma família composta de indivíduos que uma vez eram estrangeiros. Embora testemunhando de Seu poder criador, árvores e flores não podem escolher adorar a Deus. As pessoas podem fazê-lo.

Em terceiro lugar, focalizamos o lugar de adoração. A fim de que haja adoração, são necessários o povo e Deus. Mas, que tipo de lugar é necessário? Tenho-me encontrado em famosos lugares de culto e me maravilhado de sua beleza arquitetônica. Certamente, esses lugares são apropriados, mas o culto também pode ser realizado em lugares simples e humildes. Muito antes de a primeira catedral ser construída, antes de o primeiro instrumento de corda ser ouvido, antes de um órgão encher o templo, antes de o primeiro cântico “contemporâneo” ser cantado, Deus e Seu povo já se reuniam para o culto.

As discussões sobre adoração podem facilmente entender-se em argumentos que, com frequência, focalizam o *eu* – *meu* tipo de sermão, *minha* música predileta, *meu* estilo de culto. Em lugar de permitirmos que tal discussão se torne controversa, focalizemos os elementos fundamentais do louvor: Deus e Seu povo. O lugar de culto é onde Ele e Seu povo se reúnem. ❧

“Devemos entender que manter o foco em Deus é fundamental na adoração”



Foto: Valmir de Moraes

# A história de uma data

No dia 14 de outubro de 1844, morreu Carlos Fitch, o mais querido pregador do movimento milerita. Depois de ter realizado três cerimônias batismais em um dia extremamente frio, no início daquele mês, Fitch adoeceu e foi abatido por uma pneumonia. Morte pressupõe tristeza e dor. Mas esses sentimentos foram atenuados no coração da Sra. Fitch, graças à esperança de que, uma semana depois ela reencontraria o esposo, bem como quatro filhos falecidos (dos seis que deu à luz). A Sra. Fitch fez parte do grupo de adventistas que viu a doce esperança da segunda vinda de Jesus, aguardada para o dia 22 de outubro de 1844, ser revertida em amargo desapontamento. Carlos Fitch continua descansando em seu leito poento.

Como é sabido, o início dos anos 1800 foi de muita agitação no mundo evangélico norte-americano, especialmente depois que Guilherme Miller começou a divulgar conclusões obtidas em zeloso estudo da profecia de Daniel 8. Embora sem jamais fixar uma data exata, ele concluiu que o fim dos 2.300 anos mencionados no verso 14 aconteceria em algum momento entre a primavera de 1843 e a de 1844. A purificação do santuário ali anunciada, interpretou Miller, seria a volta de Cristo à Terra. Nada tendo acontecido nesse período, os esperançosos adventistas continuaram pesquisando em busca de respostas para as expectativas frustradas, até aparecer em cena o pastor Samuel Sheffield Snow.

Numa campal realizada em Exeter, no dia 12/08/1844, o perplexo orador principal, José Bates, revisava as profecias na tentativa de reanimar os dispersos ouvintes, quando Snow chegou ao local da reunião. Acomodou-se junto à sua irmã (esposa do pastor John Couch) e partilhou com ela suas novas convicções que tinham como ponto culminante o dia 22 de outubro. A Sra. Couch sugeriu a Bates que desse a palavra a Snow, que então expôs os cálculos que apontavam o dia 22 de outubro como o fim dos 2.300 anos. A audiência simplesmente exultou. Estava próximo o grande Dia da Expição, o décimo do sétimo mês, de acordo o ritual do santuário. Naquela ocasião, disse o orador: "Graças ao cômputo cuidadosamente preservado pela providência de Deus pelos judeus caraitas, o décimo dia do sétimo mês cai neste ano em 22 de outubro." Em seguida, enfatizou a proximidade do que entendia ser a volta de Jesus.

Em lugar do retorno de Cristo, naquela data teve início o grande Dia da Expição no santuário celestial, ou o Juízo Pré-Advento. Por causa da interpretação dos pioneiros, sobram críticas ao adventismo. Uma delas confronta os modelos judaicos de contagem anual – rabínico e caraita – e tenta desqualificar o dia 22 de outubro de 1844 como o início do Juízo. Porém, todas as críticas têm sido respondidas com sólida fundamentação bíblica e histórica, tão-somente evidenciando que esta é uma igreja divinamente estabelecida.

Zinaldo A. Santos

## Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia  
Ano 79 – Número 04 – julho/agosto 2008  
Periódico Bimestral

Editor: Zinaldo A. Santos  
Assistente de Redação: Lenice F. Santos  
Revisoras: Josiéli Nóbrega e Rosemara Santos

Chefe de Arte: Marcelo de Souza  
Projeto Gráfico: Alexandre G. Streicher; Marcos S. Santos  
Programador Visual: Marcos S. Santos  
Capa: Ilustração de Thiago Lobo

Diretor Geral: José Carlos de Lima  
Diretor Financeiro: Edson Erthal de Medeiros  
Redator-Chefe: Rubens S. Lessa

### Colaboradores Especiais:

Bruno Raso; Ranieri B. Sales;  
James Cress; Nikolaus Satelmajer

### Colaboradores:

Edilson Valliante; Montano de Barros Netto  
José Soares da Silva Jr.; Horacio Cairus;  
Francisco Carlos Bussons da Silva;  
Ivanaudo Barbosa de Oliveira; Valdilho Quadrado;  
Samuel Jara; Patricio Barahona; Ivancy Araujo;  
Edwin Regalado Lozano; Feliz Santamaria

### SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

LIGUE GRÁTIS: 0800 979 06 06

Segunda a quinta, das 8h às 20h

Sexta, das 7h30 às 15h45 / Domingo, das 8h30 às 14h

Site: [www.cpb.com.br](http://www.cpb.com.br) / E-mail: [sac@cpb.com.br](mailto:sac@cpb.com.br)

Ministério na Internet:

[www.dsa.org.br/revistaministerio](http://www.dsa.org.br/revistaministerio)

[www.dsa.org.br/revistaalministerio](http://www.dsa.org.br/revistaalministerio)

Redação: [ministerio@cpb.com.br](mailto:ministerio@cpb.com.br)

Todo artigo, ou correspondência, para a revista *Ministério* deve ser enviado para o seguinte endereço:  
Caixa Postal 2600 – 70279-970 – Brasília, DF

Tiragem: 5.500 exemplares

5953/19160

Assinatura: R\$ 44,00

Exemplar Avulso: R\$ 9,20



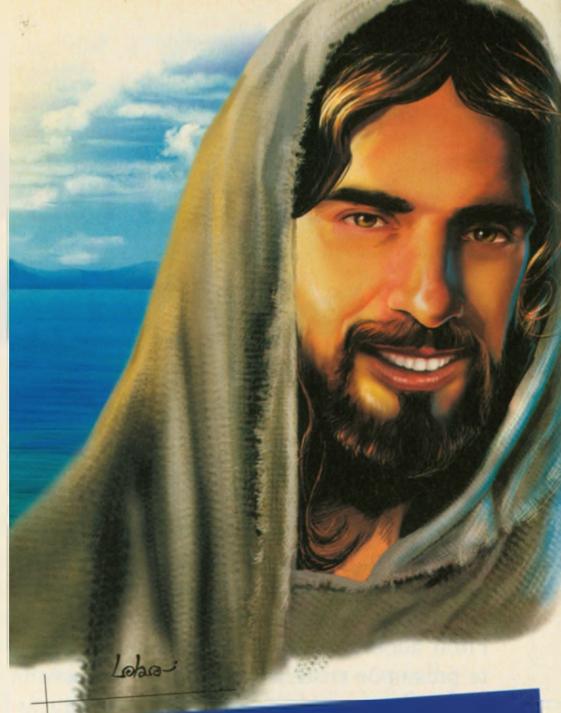
CASA PUBLICADORA BRASILEIRA  
Editora dos Adventistas do Sétimo Dia  
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34  
18270-970 – Tatuí, SP



Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, sem prévia autorização escrita do autor e da Editora.

- 9 QUE ACONTECEU À BELEZA DE CRISTO?**  
Como Salomão nos ensina a fazer sermões cristocêntricos.
- 11 APRENDI COM MEUS ERROS**  
Lições extraídas a partir das próprias falhas podem enriquecer nosso pastorado.
- 14 EVANGELISMO INTEGRADO**  
Radiografia de um modelo evangelístico que pode reavivar sua igreja.
- 16 ASSENTADO AOS PÉS DE CRISTO**  
A indispensável experiência que garante o êxito do trabalho pastoral.
- 17 22 DE OUTUBRO OU 23 DE SETEMBRO?**  
Estudo das evidências que reforçam o ensino adventista sobre o início do Juízo.
- 21 EM RITMO DE ESPERA**  
Mensagem devocional sobre o preparo para a volta de Jesus.
- 24 SÍNDROME DE NABUCODONOSOR**  
O chamado de Miquéias para que os pastores do século 21 se voltem à humildade.
- 27 A PROFETISA E SUAS FONTES**  
Uma resposta à crítica de plágio feita aos escritos de Ellen G. White.
- 29 QUESTÃO DE PRIORIDADE**  
O grande alvo da igreja é vencer uma guerra, não apenas uma batalha.
- 31 PREGAÇÃO AUDIOVISUAL**  
Dicas para evitar extremos prejudiciais à exposição do evangelho.



*“Pregue Cristo hoje e sempre, apresentando o desafio de Seu convite imperial. Algumas vontades serão assustadas, outras ficarão ofendidas, e outras se curvarão reverentes a Seus pés.” – James Stewart*

## Seções

2 SALA PASTORAL

3 EDITORIAL

5 ENTREVISTA

8 AFAM

32 MURAL

34 RECURSOS

35 DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

# Iniciativa divina

*“Tenho a firme convicção de que a Missão Global é um projeto que está no centro do coração de Deus”*

por Zinaldo A. Santos

**I**mpulsionada pelo Espírito Santo e consciente de seu dever de pregar o evangelho, a igreja está muito ativa em todo o mundo. Em razão do secularismo, filosofias religiosas dominantes, ou causas políticas e culturais, o caminho não tem sido fácil em determinadas regiões, mas os resultados são grandemente positivos em muitos lugares. Elaboradas pelo Departamento de Missão Global, há estratégias colocadas em prática, com o objetivo de romper as barreiras ainda existentes.

Na Divisão Sul-Americana, as atividades de Missão Global são coordenadas pelo pastor Edison Choque Fernandez, nomeado em dezembro do ano passado. De nacionalidade peruana, ele serviu como pastor distrital, diretor do Ministério Jovem, Ministério Pessoal e Mordomia Cristã em seu país e no Brasil (Missão Nordeste e Associação Bahia Sul). É casado com Ruth León Esbejo de Choque, que trabalha como secretária do Ministério Pessoal na DSA, e tem um casal de filhos: Kevin (16 anos) e Mercy (15 anos).

Mesmo reconhecendo a existência de grandes desafios no território da DSA, o pastor Edison não se sente intimidado: “Precisamos reclamar a promessa do Consolador e sair para proclamar a mensagem”, ele diz, lembrando que a Missão Global não é algo restrito a lugares distantes ou países longínquos. Para ele, “cada membro da igreja tem seu próprio desafio da Missão Global”, assim como cada pequeno grupo, congregação ou Campo.

Nesta entrevista, o pastor Edison partilha informações a respeito do andamento do projeto Missão Global na América do Sul, destacando os planos atualmente em execução, resultados alcançados e metas para o futuro.

**Ministério:** *Como funciona o segmento Missão Global da Igreja Adventista? É um departamento? Um programa que integra todos os demais setores?*

**Edison Choque:** Missão Global funciona como departamento da igreja. A iniciativa nasceu com o propósito de promover a evangelização de todo o

mundo, tendo como desafio as grandes cidades e o alcance de grupos étnicos, religiosos e sociais. Em cada instância administrativa da igreja existe um diretor ou coordenador do programa, que integra todos os demais departamentos. É nessa coordenação que são apontados os desafios e as conquistas são planejadas.

**Ministério:** *Quais são as grandes ênfases desse departamento?*

**Edison Choque:** Podemos dizer que a Missão Global tem ênfase tríplice: a missão, o objetivo e a estratégia. A missão é proclamar o evangelho eterno a cada nação, tribo, língua e povo. O objetivo é estabelecer uma congregação local em todos os grupos de pessoas onde não haja presença adventista, iniciando com os grupos mais próximos de igrejas estabelecidas. No âmbito global, pretendemos estabelecer a presença da igreja em cada grupo geopolítico de um milhão de pessoas, e em cada grupo lingüístico de, pelo menos, um milhão de pessoas. A estratégia é a seguinte: Cada Divisão, com suas organizações subsidiárias, deve



Comunidade do Autor

identificar em seu respectivo território os vários grupos geopolíticos, etnolinguísticos, culturais, sociais e assim por diante. O passo seguinte é verificar os grupos sem presença adventista e desenvolver projetos para alcançá-los.

**Ministério:** *Em que estágio se encontra a igreja mundial, hoje, no que tange a esse programa?*

**Edison Choque:** Atualmente, existem 26 países sem presença adventista. Entre esses países, Afeganistão, Iêmen, Síria, Arábia Saudita, Irã, Turquia e África do Norte são alguns dos maiores desafios. Há também o enorme desafio representado pelas grandes cidades, em todas as regiões do planeta. Geralmente, evangelizamos com êxito marcante as áreas rurais. No entanto, carecemos do mesmo êxito na evangelização da maioria das grandes cidades do mundo.

**Ministério:** *Em que posição se encontra a Divisão Sul-Americana, no contexto da Missão Global?*

**Edison Choque:** Podemos ter um vislumbre disso, ao observarmos alguns gráficos. Neles, está evidente o crescimento em número de igrejas e de membros nos últimos dezessete anos (1989 a dezembro de 2006), que foi o período tomado por base. Há também significativa redução no número de habitantes para cada adventista.

**Ministério:** *Mas, ainda existem grandes desafios?*

**Edison Choque:** Certamente. Na Divisão Sul-Americana, nosso desafio continua sendo um crescimento mais acelerado da igreja em grandes cidades como, por exemplo, São Paulo, Buenos Aires, Santiago, Lima, La Paz, Guayaquil, Montevidéu. Não é que a igreja não esteja expressivamente presente nesses lugares; mas, precisamos crescer em proporção ao número de habitantes. Também existe o Uruguai, país em que verificamos o maior número de habitantes por adventista: exatamente 486 habitantes para cada membro. Além disso, há bairros e municípios não conquistados.

**Ministério:** *Em sua opinião, quais fatores contribuem para dificultar o trabalho nessas regiões?*

**Edison Choque:** Somos conscientes das grandes barreiras ideológicas que enfrentamos. Há secularismo, religiosida-

de tradicional, entre outros fatores, mas nada é impossível para Deus. Ele pode superar todos os obstáculos à pregação do evangelho. Precisamos reclamar e receber o cumprimento da promessa do Consolador. Então, revestidos com poder do Espírito Santo, devemos sair a proclamar a mensagem de esperança e salvação. Nossa mensagem é mais poderosa que todas as dificuldades juntas. Jamais nos devemos esquecer de que Deus é sempre a maioria. Trabalhando com Ele, também somos maioria.

**Ministério:** *Quais são os métodos que o senhor acha mais eficazes no processo de conquista dos lugares considerados desafio para a Missão Global?*

**Edison Choque:** Não há nenhuma dúvida quanto ao fato de que nossos métodos têm fundamento na Palavra de Deus. Entre os que estamos utilizando, podemos enumerar o intenso programa de oração intercessora, ação conjunta de

pioneiros da Missão Global, pequenos grupos e evangelismo público. Esses são alguns dos instrumentos que o Senhor nos deu para cumprimento de Sua missão.

**Ministério:** *Existe algum grande projeto em andamento, ou em estudo para futura implementação?*

**Edison Choque:** Atualmente, temos grandes projetos em andamento: a Missão Calebe, Projeto Antioquia, Projeto Macedônia, entre outros. Temos certeza de que cada um desses projetos nasceu no coração de Deus e Ele os compartilhou com Seus filhos. A Missão Calebe é desenvolvida na União Nordeste com extraordinário sucesso. O plano consiste na arregimentação de jovens que doam suas férias escolares para o trabalho de Deus. Nesse período, eles vão a lugares sem presença adventista, ou com presença, digamos, frágil, e pregam, dão estudos bíblicos, constroem templos ou capelas e estabelecem a igreja. Sob a

### População mundial em relação à presença adventista

Ano	População mundial	Membros da IASD	Número de habitantes para cada adventista
1989	5.109.782.000	6.183.585	826
1998	5.925.729.000	10.163.414	583
2006	6.100.000.000	14.754.022	414

### População sul-americana em relação à presença adventista

Ano	População DSA	Membros da IASD	Número de habitantes para cada adventista
1989	239.768.222	941.527	255
1998	263.016.000	1.581.227	166
2006	302.550.000	2.591.851	117

### População adventista mundial e número de igrejas

Ano	Membros da IASD	Número de igrejas
1989	6.183.585	30.711
1998	10.163.414	44.888
2006	14.754.022	60.840

### População adventista sul-americana e número de igrejas

Ano	Membros da IASD	Número de igrejas
1989	941.527	3.089
1998	1.581.227	5.764
2006	2.591.851	8.601

orientação do pastor Odailson Fonseca, diretor dos Jovens Adventistas da União Nordeste, o exército de jovens nordestinos participa nesse projeto que cresce e se solidifica a cada ano. O Projeto Antioquia é desenvolvido e difundido pelo pastor Emílio Abdala, professor de Evangelismo no Seminário Teológico da Faculdade Adventista da Bahia. O projeto consiste em envolver seminaristas no estabelecimento de igrejas saudáveis, também em lugares carentes do adventismo. Eles fazem isso como cumprimento de requisitos para a graduação. Já o Projeto Macedônia nasceu na União Peruana do Norte, com o pastor Haroldo Morán. Foram escolhidos bairros e cidades desafiadores, como metas a serem conquistadas por missionários bem treinados e organizados em equipes. Cada equipe é liderada por um pastor e distribuída geograficamente no território-alvo. Os resultados dessa iniciativa, assim como as demais, é fantástico. A igreja tem recebido esses programas com muito entusiasmo. Em todos os Campos em que eles foram executados, mostraram ser uma bênção, como instrumentos valiosos para conquistar lugares ainda não conquistados ou fazer deslanchar o crescimento de congregações. Eles serão mantidos e difundidos, para que haja mais envolvimento de pessoas na Missão Global.

**Ministério:** *Existe alguma experiência especial, envolvendo países sul-americanos na Missão Global, que o senhor gostaria de partilhar?*

**Edison Choque:** Há uma experiência muito especial que é a conquista da Ilha da Páscoa, ou Rapa Nui, uma das ilhas habitadas mais isoladas do mundo. Está situada no Oceano Pacífico, a 3.540 km da costa-oeste do Chile, tem forma triangular e sua área é de 166 km<sup>2</sup>. Providencialmente, Deus enviou para aquela ilha alguns mensageiros de esperança. Primeiro, foi a esposa de um garçom; depois, um policial adventista chileno, que foi destacado para trabalhar ali durante algum tempo. Não muito depois de sua chegada, ele começou a divulgar a mensagem adventista pela emissora de rádio local. Posteriormente, Deus enviou um casal que foi passar as férias na ilha e que, aproveitando o tempo em que lá ambos permaneceram, também foi envolvido no trabalho. Finalmente, uma igreja com

mais de trinta membros foi estabelecida. Na União Norte-Brasileira, temos a Associação Amazonas-Roraima que já estabeleceu a presença adventista em todos os 37 municípios de seu território. Na mesma União, a Associação Central Amazonas tem o adventismo presente em 68 dos 69 municípios, e as Associações Amazônia Ocidental e Sul de Rondônia faltando apenas dois municípios a serem conquistados nos respectivos territórios. Na Associação Espírito-Santense, União Este-Brasileira, a igreja também está presente em todos os municípios. Esse relatório refere-se até o mês de abril. Esperamos que até o fim do ano, novas conquistas possam ser registradas.

**Ministério:** *O que não tínhamos no passado, antes do quinquênio, e hoje temos?*

**Edison Choque:** Continuamos contando com recursos que já possuíamos, mas que vão sendo aprimorados com o passar do tempo. Deus colocou em nossas mãos ferramentas como a TV Novo Tempo, emissoras de rádio, o projeto dos pequenos grupos e discipulado, entre outras armas que ajudam nossos irmãos a se tornarem mais comprometidos com a oração e a devoção pessoal. Conseqüentemente, há uma porcentagem cada vez maior de crentes envolvidos na missão da igreja.

**Ministério:** *E quanto aos objetivos de Missão Global para o restante do quinquênio, quais são as prioridades da Divisão Sul-Americana?*

**Edison Choque:** Para o ano de 2009, especialmente, pretendemos conquistar 230 novos municípios, 300 bairros em grandes cidades e investir no crescimento da igreja nas cidades de Montevideú, Buenos Aires e São Paulo.

**Ministério:** *Geralmente, quando se fala em Missão Global, vêm à mente as necessidades evangelísticas em terras e países longínquos. Mas, um distrito pastoral também tem seus lugares não penetrados. Que planejamento sugestivo o senhor apresentaria a um pastor, considerando que ele não permanecerá todo o tempo no distrito?*

**Edison Choque:** Na realidade, cada pessoa tem seu próprio desafio de Missão Global. Cada pequeno grupo tem território para conquistar. Cada congregação deve adotar lugares para estabelecer uma nova igreja. Uma idéia que considero viável é o pastor, junto

com as congregações do seu distrito, estabelecer um projeto de Missão Global de curto, médio e longo prazo. Durante o tempo em que ele permanecer na região, penetrará em tantos lugares quantos lhe for possível. O que não for feito até uma eventual transferência dele terá continuidade pelos irmãos e por seu substituto. Enquanto tivermos tempo de graça, teremos desafios para a Missão Global.

**Ministério:** *Quem provê os recursos financeiros para os projetos de Missão Global?*

**Edison Choque:** Cada membro, igreja, distrito, Associação e Missão devem fazer planos e incluir nos respectivos orçamentos as provisões para a Missão Global. Deus providenciará os meios necessários, porque Ele é Senhor de tudo. Ao Lhe pedirmos, as portas se abrirão. Hoje, mais do que nunca, precisamos nos desprender de nossos recursos temporais e fazer investimentos para a eternidade. É assim que cumprimos a tarefa de pregar o evangelho a todo o mundo. No dia 15 de novembro deste ano, em toda a Divisão Sul-Americana, será recolhida uma oferta especial em favor da Missão Global.

**Ministério:** *O que o senhor espera da igreja e de cada pastor?*

**Edison Choque:** O tema “Missão Global” é naturalmente relevante para o tempo em que vivemos. Tenho a convicção de que esse é um assunto que está no centro do coração de Deus. Espero que também esteja no coração de cada líder da igreja porque, embora estejamos avançando em nossa missão, “ainda muitíssima terra ficou para se possuir” (Js 13:1). É bom lembrar que, no início da história da Igreja Adventista do Sétimo Dia, na maioria dos casos, foram os membros que formaram os primeiros grupos de pioneiros que se apresentaram como voluntários, dispostos a viajar para lugares distantes e estabelecer o adventismo em áreas não penetradas. O mesmo conceito deve ser empregado para assegurar o êxito da Missão Global. Forças-tarefas formadas por voluntários devem ser inspiradas, motivadas, treinadas e equipadas pelos líderes de departamentos e pastores distritais, a fim de irem para regiões carentes do evangelho, com o objetivo de estabelecer novas congregações. Esses serão os pioneiros da Missão Global. ☩

# O pão nosso de cada dia



Denise M. Lopes

Coordenadora da Área Feminina da Associação Ministerial na União Norte-Brasileira

*Mais que mera súplica, essas palavras são o reconhecimento de nossa dependência do Pai celestial, para nossa nutrição física e espiritual*

AFAM

**N**a oração-modelo, ensinada por Cristo, encontramos a seguinte petição: “O pão nosso de cada dia, dá-nos hoje” (Mt 6:11). Que lições pretendia o Mestre nos transmitir com esse pedido? Que tipo de pão está implícito nessa súplica: O pão espiritual ou o pão material? Ou seriam os dois? Por que Ele Se referiu ao pão e não a outro alimento? E, ainda, por que “o pão nosso”?

No pensamento hebraico, comer pão significa fazer uma refeição. Além de ser o alimento essencial presente em todas as refeições, o pão era tratado com muito respeito. Não podia ser cortado, somente partido. As migalhas do tamanho de uma azeitona, por exemplo, jamais deveriam ser desperdiçadas. Era tão especial que Jesus a ele Se comparou quando disse: “Eu sou o pão da vida” (Jo 6:35).

Ao utilizar a palavra *pão*, Jesus esboçou importantes lições a serem aprendidas. Cristo, o Pão da vida, é tão essencial à nossa vida espiritual como o pão literal o é para nossa vida física. Quando dizemos essas palavras em nossas preces, estamos pedindo alimento literal, mas também o Pão da vida, Cristo Jesus. Porém, na maioria das vezes, não temos consciência desse fato. Pedimos pão e negligenciamos, com muitas desculpas, o que foi posto diante de nós: Sua Palavra, a Bíblia.

Por que Jesus usou o pronome *nosso*? Acredito que seja porque, quando oramos, não pedimos apenas por nós mesmos, mas em favor de outros também. Ele queria que reconheçêssemos que aquilo que nos dá não é somente nosso. Ganhamos o pão material e o espiritual como um depósito, a fim de podermos alimentar famintos físicos e espirituais. Certamente, Ele queria nos ensinar a generosidade e a bênção de repartir, assim como Deus repartiu conosco Seu amor e Seu Filho.

Notemos ainda: “o pão nosso de cada dia”. Cada dia! Aqui está nossa grande tentação. Perdemos horas insones porque não colocamos em prática o que a expressão “cada dia” nos ensina. Frequentemente, estamos voltados para preocupa-

ções concernentes ao dia de amanhã. Mas, “basta ao dia o seu próprio mal” (Mt 6:34), diz a Bíblia. É-nos dado um dia por vez para vivermos, porque só podemos levar os fardos de um dia e passar pelas provas de um dia, cada vez.

A ansiedade em nada nos ajuda. Já dizia alguém que a preocupação é como uma cadeira de balanço: ela nos dá o que fazer, mas não nos leva a lugar nenhum. Deus cuida de tudo e nos sustenta dia a dia. Ao enviar o maná diariamente, no deserto, Ele ensinou o povo de Israel a não andar ansioso quanto ao dia de amanhã. Tudo era apenas uma questão de confiar. E assim continua sendo para nós hoje também. Ele conhece cada uma das nossas necessidades e para elas tem provisões. Assim como o maná era certo a cada manhã, podemos estar certos de que, se O buscarmos, teremos o sustento físico e espiritual suficientes para o dia a ser vivido.

“O pão nosso de cada dia dá-nos hoje.” Essa frase reflete a idéia de súplica. Porém, alguém poderia questionar: “Se Deus sabe de tudo o que vamos precisar durante o dia, por que devemos pedir e até dizer: dá-nos hoje?”

Ellen G. White responde: “Faz parte do plano de Deus conceder-nos, em resposta à oração da fé, aquilo que Ele não outorgaria se não o pedíssemos assim” (O Grande Conflito, p. 525). Deus tinha o propósito de que reconheçêssemos nossa dependência dEle e do Seu constante cuidado atraindo-nos a Ele através da comunhão. É mediante essa comunhão que somos alimentados espiritualmente. Se assim fizermos, receberemos o poder do Espírito Santo que nos revelará as verdades que fortalecerão nossa alma dia a dia.

Portanto, “O pão nosso de cada dia dá-nos hoje” é mais que uma súplica. É um reconhecimento de nossa dependência do Pai celestial para nossa manutenção física e espiritual. É uma lição de confiança e contentamento a ser aprendida, pois o Deus que cuidou do Seu povo no passado é o mesmo que cuida de nós hoje e sempre. **M**

# Que aconteceu à beleza de Cristo?



Shawn Brace

Atualmente, cursa o mestrado em Divindade na Universidade Andrews, Estados Unidos

*O mundo está sedento pela visão d'Aquele que "traz a bandeira entre dez mil" e que é "totalmente desejável"*

**R**ecentemente, assisti a uma palestra em que o bem-intencionado orador "animou" um grupo de jovens a gastar tempo com Deus, embora eu não esteja seguro de quantos daqueles ouvintes foram encorajados pela exortação. Por alguma razão, ele descreveu afrontosamente o que significa andar com Cristo, dizendo que ler a Bíblia e gastar tempo com Deus é algo que deve ser feito, seja isso agradável ou não. Também admitiu que ele mesmo, às vezes, prefere ver televisão a ler a Bíblia. Mas, no fim, cumpria seu dever cristão e escolhia a Bíblia, porque sabia ser bom para ele, como uma dose de remédio que precisa ser tomado.

O que mais me chocou, entretanto, foi quando ele comparou o "gastar tempo com Deus" a um dever de casa. "Nenhum de nós gosta de fazer dever de casa", ele disse, "mas, é algo que temos que fazer para ser aprovados na escola." E, com esses pensamentos ecoando nos canais daquelas impressionáveis mentes jovens, ele se sentou.

## Incomparável beleza

Não quero criticar aquele orador, nem implicar que não devemos gastar tempo com o Salvador, mas temo que muitos de nós, pastores, temos negligenciado apresentar Cristo em toda a Sua beleza. Em vez de apresentar "a incomparável beleza de Cristo",<sup>1</sup> temos sugerido uma seca experiência cristã que relega o relacionamento com Ele como algo a ser, na melhor das hipóteses, tolerado. Transmitimos a impressão de que nossos ouvintes devem tomar a iniciativa no relacionamento; nada falamos do papel de Cristo nesse processo.

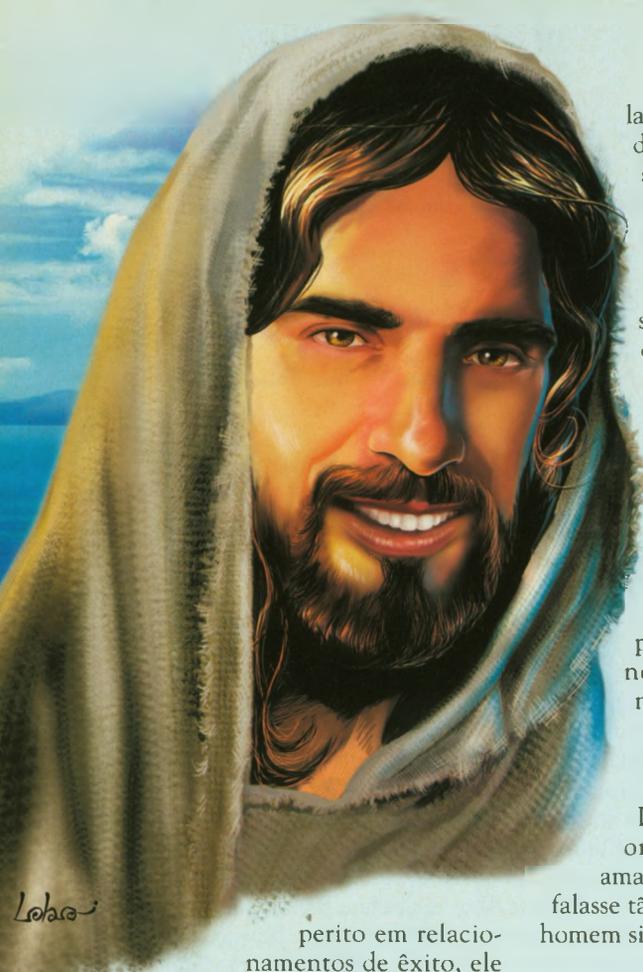
Quantas vezes você já ouviu, ou até pregou, um sermão que coloca a amizade com Jesus como um programa na base de "como fazer"? Em vez de pregar sobre o encanto de Cristo, esperando que essa beleza atraia o ouvinte a querer gastar tempo com Ele, focalizamos o que o ouvinte deve fazer, se deseja ter uma "frutífera" experiência cristã. Em lugar de pregar sobre como o amor e a graça de Cristo atraíram Zaquê a Ele, preferimos enfatizar o esforço desse publicano em subir e descer da árvore, implicando que devemos fazer o mesmo, se desejamos um próspero caminhar com Deus. Em suma, realçamos o que supostamente devemos fazer, em lugar do que Deus já fez, faz e ainda fará.

Não estou seguro de que essa abordagem "como fazer" produza grandes resultados, nem que deixe o ouvinte com impressão favorável e exata do Pai celestial. Como pastores, nosso trabalho é ajudar nossos ouvintes a provar e ver "que o Senhor é bom" (Sl 34:8), sabendo com plena confiança que o Cristo exaltado nos atrairá a Si.

Qual seria o resultado de falarmos mais a respeito da bondade de Deus do que sobre nossa responsabilidade na disciplina cristã? Certamente, a "disciplina cristã" acontecerá naturalmente, se apresentarmos aos nossos ouvintes um irresistível Salvador.

## Aprendendo com Salomão

Essas idéias não são novas. Cerca de mil anos antes de Cristo andar pelas estradas poentas da Terra, Seu Espírito inspirou um homem a escrever sobre a experiência humana mais íntima: o amor entre esposo e esposa. Embora nem sempre se demonstrasse



lamita. Desinteressadas da idéia de procurá-lo, elas querem saber se vale a pena fazê-lo. Numa linguagem poderosa, a jovem Sulamita faz então a maior descrição de que um homem poderia ser alvo. Ela descreve seu bem-amado em detalhes e com linguagem poética. Compara sua cabeça ao ouro, seus olhos aos das pombas, seu corpo ao marfim esculpido e, finalmente, conclui dizendo que ele é “totalmente desejável” (v. 16).

G. Lloyd Carr escreveu que “cânticos de amor descrevendo a beleza física de pessoas queridas eram comuns no antigo Oriente Próximo, mas a maioria deles descrevia a mulher. Descrição tão detalhada do homem, como aqui, raramente é encontrada”.<sup>2</sup> Deve ter havido algo extraordinário, especial, no bem-amado da Sulamita, para que ela falasse tão eloqüentemente sobre esse homem singular.

## A persuasão

Contudo, por mais estupenda que fosse a descrição, a resposta das amigas foi ainda mais significativa. Oito versos antes, elas estavam indiferentes e desinteressadas naquele bem-amado. Depois de ouvir a descrição notável desse homem, não puderam se conter e gritaram: “Para onde foi o teu amado, ó mais formosa entre as mulheres? Que rumo tomou o teu amado? E o buscaremos contigo?” (Ct 6:1).

Atraídas pela beleza descrita, elas também resolvem procurá-lo. Agora que compreendem que vale a pena investir tempo, elas são motivadas a unir-se à jovem Sulamita na procura desse homem único. Embora não tenham intenções românticas, afinal a jovem já o reivindicara para si, mesmo assim elas são atraídas a ele. A descrição feita mostra a diferença entre sua apreciação dele e, finalmente, o interesse em buscá-lo.

## “Sulamitas” entre nós

Seria possível que, no ponto em que aquela jovem teve sucesso exaltando seu bem-amado, nós estejamos fracassando? Tendo oportunidade para apresentar o encanto de nosso “Bem-amado” a ouvintes desinteressados e in-

diferentes, temos apresentado um árido e enfadonho quadro do que significa união com Cristo. Em vez de mostrá-Lo sob uma luz que atrai irresistivelmente as pessoas a Ele, ou como Alguém que toma a iniciativa em nos procurar, falamos aos espiritualmente famintos ouvintes que é seu dever iniciar esse relacionamento. Dizemos-lhes que é seu dever cristão acordar quinze minutos mais cedo cada dia para gastar tempo com Deus. Falamos-lhes que os maiores teólogos na Era cristã gastavam três ou quatro horas diárias em oração e que esse exemplo deve ser seguido. E nada dizemos a respeito da beleza de Cristo que pode atrair pessoas, levando-as a fazer naturalmente tudo isso.

Um quadro de Cristo, correlativo à descrição que a jovem apaixonada fez de seu bem-amado atrairá homens e mulheres para se unirem ao Salvador. Assim como é inútil gastar cinco horas tentando convencer inimigos a dedicarem tempo uns aos outros, é impossível convencer indivíduos naturalmente alienados de Deus a passar tempo com Ele, pelo menos apelando a seu senso de dever e responsabilidade. Eles necessitam de uma razão para fazê-lo; e exaltar a incomparável beleza de Cristo é a melhor razão.

Considere estas palavras de encorajamento a todo expositor do evangelho: “Em Cristo se resumem a ternura do pastor, a afeição do pai e a incomparável graça do compassivo Salvador. Apresenta Suas bênçãos nos mais fascinantes termos. Não Se contenta apenas em anunciar essas bênçãos; oferece-as da maneira mais atrativa, para despertar o desejo de as possuir. Assim devem Seus servos apresentar as riquezas da glória do inexprimível Dom. O maravilhoso amor de Cristo abrandará e subjugará os corações, quando a simples reiteração de doutrinas nada conseguiria. ... Falai ao povo dAquele que ‘traz a bandeira entre dez mil’, e que é ‘totalmente desejável’.”<sup>3</sup>

O mundo está sedento pela visão de um irresistível Salvador. E, pela graça de Deus, nós podemos apresentar Cristo em todo o Seu encanto, justamente como Ele merece ser visto. ❧

### Referências:

<sup>1</sup> *Signs of the Times*, 16/09/1889.

<sup>2</sup> G. Lloyd Carr, *The Song of Solomon* (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1984), p. 139.

<sup>3</sup> Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 826, 827.

perito em relacionamentos de êxito, ele escreveu um belo livro sobre relacionamentos: *Cantares de Salomão*.

Esse livro, cuja interpretação tem sido discutida por milênios, descreve a bela interação entre dois jovens enamorados. Salomão desenvolve eloqüentemente as nuances do santo e bem-aventurado amor. Embora muito do livro apresente um quadro maravilhoso de afeição e admiração mútuas, um leve desvio tem lugar na metade da narrativa. Como acontece em todo relacionamento, os desafios surgem; e a jovem – a Sulamita – finalmente se encontra tentando reatar o relacionamento com seu bem-amado. Com pouco sucesso, ela pede às suas amigas que se juntem a ela nessa dramática tarefa. Mas, elas não demonstram interesse e perguntam: “Que é o teu amado mais do que outro amado, ó tu, a mais formosa entre as mulheres? Que é o teu amado mais do que outro amado, que tanto nos conjuras?” (Ct 5:9).

Em sua paráfrase intitulada *The Message*, Eugene Peterson menciona: “Que é tão formidável em teu amado, mulher formosa? Que há de tão especial nele, que pedes nossa ajuda?” Noutras palavras, essas jovens querem saber o que há tão extraordinário no bem-amado da Su-

# Aprendi com meus erros



Divulgação Ministry

Barry Kimbrough

Pastor em Foxborough,  
Massachusetts, Estados  
Unidos

*“Se os obreiros  
se mantiverem  
ligados a Deus,  
Ele lhes dará  
aumento de  
sabedoria”*

**D**urante meus doze anos de pastorado adventista, tenho cometido significativa quantidade de erros. Porém, estou consciente de que, a menos que eu esteja disposto a aprender dos meus próprios erros, jamais desenvolverei, ao máximo, minhas habilidades. Embora eu saiba que em alguns lugares existam distritos imensos, com mais de dez congregações, a verdade é que pastorear mais de uma igreja não é missão fácil para ninguém, especialmente para quem não é do tipo “faz tudo”. Mas, como disse Robert Schuler, “é melhor tentar fazer alguma coisa grande para Deus e falhar, do que não tentar fazer nada e ter sucesso”.<sup>1</sup>

Indubitavelmente, os erros podem desanimar nosso espírito, contudo devemos prestar atenção ao que escreveu Ellen G. White: “Você comete erros? Não deixe que isso o desanime. O Senhor talvez permita que você cometa erros pequenos para poupá-lo de cometê-los maiores.”<sup>2</sup>

Espero que as seguintes sugestões possam ajudá-lo a não repetir alguns dos erros que tenho cometido.

## Pregue segundo as necessidades locais

Aprendi que o que é considerado bom sermão por uma congregação pode ser totalmente irrelevante para outra. Lembro-me de tantas vezes em que mergulhei no preparo bem esmerado de uma mensagem, apenas para descobrir subitamente, pelos olhares dispersos diante de mim, que o sermão tinha pouco ou nenhum sentido para as necessidades imediatas dos ouvintes. A necessidade que uma congregação tem de ouvir uma mensagem pode não ser a mesma de outra. As igrejas não são clones umas das outras.

Um sermão sobre o princípio historicista de interpretação profética pode ser oportuno para uma igreja que enfrenta problemas com o futurismo, por exemplo, mas não tocará o coração de um grupo de adoradores entre os quais se encontram alguns enfermos, ou pais que perderam o filho adolescente em um acidente. Esse exemplo pode ser extremo, mas demonstra que num determinado sábado rebanhos diferentes podem lutar com diferentes demandas.

Embora muitos sermões possam ser pregados com sucesso em múltiplas igrejas, outros que até são baseados no mesmo texto talvez necessitem ser adaptados para enfatizar verdades relevantes para outras igrejas. Sempre haverá ocasiões em que mensagens inteiramente diferentes podem ser requeridas por igrejas diferentes. Conseqüentemente, muitos pastores talvez necessitem preparar vários sermões para a semana, caso tenham que pregar em várias congregações, no domingo, quarta-feira e sábado.

Preparar duas ou mais qualidades de sermões para uma semana, exige planejamento antecipado. Alguns pastores costumam planejar seus sermões para o ano inteiro. Outros fazem isso para o mês ou semestre. Entretanto, mesmo uma hora de planejamento no início da semana pode ajudar a fazer com que a mensagem do sábado seja bem ajustada às necessidades da congregação. Quanto mais cedo o pastor desenvolver seu planejamento, mais tempo terá para construir um sermão eficaz.

Escolher, semanalmente, uma passagem da Escritura sobre a qual deve fundamentar o sermão, com frequência, não é a maior tarefa. Mas, nesse ponto, uma profunda familiaridade com o conteúdo escriturístico se torna extremamente ajudador. A Bíblia tem mais que suficiente variedade de passagens sobre as quais podemos basear incontáveis sermões que falem a circunstâncias locais. Jesus sempre demonstrou controle da Escritura, ao falar com facilidade e rapidez a respeito de versos bem conhecidos, aplicando-os como respostas aos questionamentos que Lhe eram feitos (ver, por exemplo, Mt 5:17-48; 12:1-8; 19:3-9; 22:23-33; Mc 12:1-12; 12:28-34; Lc 4:16-30; 24:27, 44-48; 4:4, 8, 12).

Para as semanas em que nenhuma necessidade especial da congregação parece evidente, costume escolher um salmo, parábola, alguma passagem do evangelho ou das cartas de Paulo, e pregar exegeticamente. Esse método tem uma vantagem abençoada: a comunicação de novas verdades, ou ênfase em textos normalmente passados por alto na leitura da Bíblia.

Os erros que cometi no âmbito da pregação me ensinaram que o sermão refinado sempre é bom; mas, o sermão relevante é ainda melhor. “A palavra, a seu tempo, quão boa é!” (Pv 15:23).

### Tenha empatia para com sua congregação

Em um distrito que pastoreei, havia uma congregação que experimentou notável crescimento em determinado ano. Os irmãos e eu estávamos felicíssimos! Desafortunadamente, outra igreja parou de crescer. Eu estava tão entusiasmado com a atuação de Deus no crescimento daquela igreja que, um dia, estando na igreja menor, relatei com toda alegria o sucesso da outra. Imediatamente, aprendi que o que era uma grande notícia para mim, na realidade demonstrou ser frustrante para algumas pessoas que estavam presentes. Aqueles irmãos já estavam desencorajados. Falar a respeito do triunfo de outros somente os fez sentir-se ainda piores, e eu deveria ter sido sábio para “suavizar” a comunicação dos feitos da igreja grande e enfatizar mais o que Deus podia fazer por aquele rebanho ao qual me dirigia. Napoleão Bonaparte compreendeu esse princípio de liderança quando observou que “um líder é um mercador de esperança”.<sup>3</sup>

As boas novas são que cada igreja, não importando quão duramente lute com problemas, pode ser abençoada de maneira única. A congregação que enfrentava dificuldades exigiu um pouco mais da minha atenção, incluindo aparentemente infindáveis reuniões para entusiasmar, motivar, inspirar e capacitar aqueles irmãos. Com frequência, eu parecia sentir que meus esforços eram inúteis. Mas, algo aconteceu. O tempo e esforços extras, empregados com aquelas pessoas, criaram um laço amoroso nelas em relação ao pastor. Nem todos os problemas foram resolvidos, mas no último sábado que passei com esses irmãos, fiquei surpreso com o derramamento de sincera gratidão e apreciação que recebi deles. Igrejas são formadas de pessoas. Elas necessitam de afirmação e otimismo. Focalize o lado positivo. Peça e espere as bênçãos de Deus. Mais cedo do que você imagina, sua vagarosa igreja poderá ver “o livramento do Senhor” (Êx 14:13).

### Confie em Deus, para resolver os problemas

Em determinada região, a menor de minhas duas igrejas tinha invertido os horários da Escola Sabatina

e do Culto Divino, este sendo realizado às 9h. A igreja maior seguia o horário tradicional, de modo que ambas podiam ter o pastor no Culto Divino. A certa altura, a igreja menor quis inverter seu horário, retornando assim ao sistema habitual. Os irmãos imaginavam que, realizando o culto mais tarde, facilitaria a presença de mais pessoas, atrairia visitantes e, assim, possibilitaria maior crescimento. O desafio era saber como isso se ajustaria ao programa da igreja maior.

Uma representação da igreja menor foi argumentar com a comissão diretiva da maior, solicitando-lhe que modificasse o programa sabático. Previsivelmente, alguns membros da comissão resistiram ao apelo para fazer tal ajuste. Para mim, o pedido da igreja menor parecia bastante razoável e, quando percebi a reação, fiquei um tanto frustrado. Avaliei aquela relutância como obstinação e, sem pensar, deixei escapar uma ameaça de alterar meu plano de pregações, a fim de atender a necessidade da igreja menor.

Esse meu descuido suscitou uma pontiaguda ameaça por parte de um descontrolado



Foto: Adhemar

membro da comissão. A tensão pairou no ar. Felizmente, nosso irmão se acalmou e pudemos continuar com a reunião. Mas, o pedido foi rejeitado. Assim mesmo, a igreja solicitante resolveu ir adiante com seu plano, passando a realizar a Escola Sabatina às 9h, seguindo-se o Culto Divino, experimentalmente durante três meses. Tive que alterar meu programa de pregação para aquela igreja. Mas, depois de algumas semanas, eles descobriram que aquela não era a solução que esperavam, pois surgiram imprevistos. Não demorou muito e eles voltaram ao sistema anterior, permitindo-se respirar uma atmosfera de unidade e confiança mútua. O próprio distrito se encarregou de solucionar o conflito.

Dessa experiência, aprendi que algumas igrejas progridem com maior dificuldade que outras; e, o que é mais importante, aprendi que não devia ter-me envolvido emocionalmente naquele conflito. Os problemas não podem ser ignorados, mas devem ser abordados com oração e sempre com atitude pastoral. Nesse caso particular, Deus tinha resolvido o problema já no seu início. Mas, quando os argumentos em favor de certa causa persistem inamovíveis, devemos seguir o conselho do sábio: “Quem teme ao homem arma ciladas, mas o que confia no Senhor está seguro” (Pv 29:25).

## Equilibre sua carga de trabalho

Num determinado ano, uma vitoriosa série de conferências evangelísticas me fez esquecer de que sou apenas uma pessoa e que uma igreja pode se sentir sobrecarregada. Quando foi promovida uma campanha via satélite, imediatamente procurei fazer com que as duas igrejas aderissem ao plano, pensando que seria possível multiplicar o êxito conquistado. O que eu não pensei foi que a igreja estava cansada de uma campanha realizada naquele mesmo ano.

Desejando cooperar, os irmãos concordaram; mas, quando a campanha começou, a assistência foi muito pequena. Então, me encontrei gastando metade do meu tempo tentando implementar um programa que não criaria raízes em uma igreja, enquanto o mesmo programa estava inspirando nova vida e atraindo muitos visitantes em outra igreja. Mas, por causa de um planejamento imprudente, eu não

tinha tempo adequado para dedicar ao trabalho que estava indo bem. Tentando fazer muito, terminei sobrecarregando a mim mesmo com trabalho extra, desnecessário, e isso sem mencionar o dinheiro gasto que poderia ter sido melhor utilizado em alguma outra coisa.

Em seu livro *Simple Church*, Thom Rainer e Eric Geiger narram uma história envolvendo duas igrejas nomeadas como Primeira Igreja e a Igreja da Cruz. A Primeira Igreja era bem conhecida e

*“Igrejas são formadas de pessoas. Elas necessitam de afirmação e otimismo”*

tinha dez programas semanais, incluindo dois cultos de adoração, classe de discipulado na quarta-feira, pequenos grupos, encontros de homens e mulheres na terça-feira pela manhã, visitação quinta-feira à noite, coral de jovens e coral infantil. Todavia, apesar do grande leque de atividades, a igreja era um modelo de não crescimento durante cinco anos, porque a congregação estava sobrecarregada de atividades.

A Igreja da Cruz, entretanto, não era bem conhecida e mantinha apenas três programas por semana: as atividades sabáticas, pequenos grupos e duplas missionárias. Os irmãos dessa igreja descobriram que, ao realizar fielmente um plano simples, têm sido habilitados a crescer mais que nos últimos 20 anos.<sup>4</sup> A lição é óbvia: fazer mais não significa necessariamente garantia de sucesso.

Certa vez, Deus impôs limites a Paulo e Timóteo, quando eles tentaram ir a Bítínia, mas o Espírito Santo não lhes permitiu (At 16:7). Na verdade, o Espírito os enviou a Filipos, limitando sua atividade a uma área na qual teriam êxito.

Com meus erros, aprendi a ser mais sensível aos meus próprios limites

bem como aos dos irmãos. Aprendi a direcionar as energias para onde Deus indicar. Nas igrejas do distrito, isso pode significar desenvolver um grande programa por ano e, por outro lado, estabelecer um projeto factível para que todos os membros sejam envolvidos. Evidentemente, deve haver muita oração em busca da orientação do Espírito Santo, bem como boa vontade para fazer ajustes, quando for necessário. Isso é essencial.

## Imprima sua agenda

Tenho experimentado alguns momentos embaraçosos, como resultado de tentar dirigir os negócios da igreja somente baseado em minha memória. Esquecer uma reunião de comissão é humilhante. É perturbador descobrir que tenho agendados dois compromissos ao mesmo tempo. É desestabilizador descobrir, de última hora, que um mal-entendido acabou deixando um púlpito vago.

Todos esses percalços poderiam ter sido evitados se eu tivesse uma agenda escrita e examinada frequentemente. Além de imprimir itinerário, escala de pregações, dias e horários das reuniões de comissões, é preciso distribuir, com antecedência, esses programas entre os oficiais e líderes. O tempo investido no preparo dessas coisas, utilizando computador, impressora e correio eletrônico, resultará em grande recompensa de ver o programa pastoral funcionar sem atropelos. Uma vez Deus escreveu Sua mensagem sobre uma parede, para que não fosse ignorada (Dn 5:5), e inspirou a escritura de 66 livros contendo mensagens especiais para o mundo. Isso nos diz muita coisa sobre a importância da comunicação impressa.

Com respeito aos esforços dos pastores, Ellen White escreveu: “Por falta de experiência, erros poderão ser cometidos; mas, se os obreiros estiverem ligados a Deus, Ele lhes dará aumento de sabedoria.”<sup>5</sup>

### Referências:

<sup>1</sup> Citado por Mark Finley, *Padeed Pews or Open Doors* (Boise, ID: Pacific Press Publishing Association, 1988), p. 52.

<sup>2</sup> Ellen G. White, *Nos Lugares Celestiais*, p. 124.

<sup>3</sup> Citado por Robert D. Dale, *Pastoral Leadership* (Nashville, TN: Abingdon Press, 1986), p. 14.

<sup>4</sup> Thom S. Rainer e Eric Geiger, *Simple Church* (Nashville, TN: Broadman and Holman Publishers, 2006), p. 41-44.

<sup>5</sup> Ellen G. White, *Life Sketches* (Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1943), p. 246.

# Evangelismo integrado



José Umberto Moura

Diretor de desenvolvimento espiritual no UNASP

Gentileza do autor

*Proclamação pública e pequenos grupos não são atividades excludentes nem concorrentes, mas inclusivas e cooperativas*

Jesus e Seus discípulos inauguraram a era do evangelismo. Foi como resultado de Seu ministério que a igreja então estabelecida foi comissionada para ensinar e proclamar o evangelho. Cumprir essa missão tornou-se a grande paixão daquela igreja. Havia, entretanto, uma condição indispensável para o êxito: “permaneçei, pois, na cidade, até que do alto sejais revestidos de poder” (Lc 24:49); “mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis Minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até aos confins da Terra” (At 1:8).

Tendo a igreja recebido o cumprimento da promessa feita por Cristo (At 2:1-4), e saindo para testemunhar, a colheita de resultados foi apenas questão de tempo, como se vê em todo o livro de Atos. Passados muitos séculos, nada mudou. Hoje, nossa missão ainda é a mesma: testemunhar, segundo o modelo exemplificado por Jesus e praticado pelos apóstolos. A condição para o êxito também é a mesma: “recebereis poder”.

No processo de estabelecimento de Sua igreja, Cristo chamou um pequeno grupo de doze homens e os dividiu em seis duplas (Mc 6:7), assim como fez, posteriormente, com o grupo de setenta crentes (Lc 10:1). Tempos depois, quando um grupo maior, de 120 pessoas, recebeu o poder do Espírito Santo, a proclamação foi massiva e, como resultado de um sermão, “quase três mil pessoas” foram batizadas (At 2:41).

Nesse primeiro momento da igreja, foram estabelecidos os marcos principais do evangelismo. E é possível perceber que ele já era concebido em dois aspectos: o pessoal e o público.

Para realizar o evangelismo público, Deus concedeu a algumas pessoas o dom de “evangelista”. São indivíduos que têm a capacidade de ministrar a Palavra para grande número de pessoas, levando-as coletivamente ao conhecimento de Cristo Jesus. O dom de ensinar, ou de “mestre”, foi outorgado a outras pessoas, tendo em vista o evangelismo pessoal. Esses dois modelos bíblicos de evangelização envolvem métodos, práticas e resultados diferentes, mas não são concorrentes.

## Harmonia de métodos

Sendo os pequenos grupos uma idéia apresentada por “Aquele que não pode errar” (*Testemunhos Seletos*, v. 3, p. 84), é razoável esperar que eles contribuam para o crescimento da igreja em todas as áreas, principalmente na evangelização.

Durante certo tempo, havia constrangimentos quando se tratava de fazer evangelismo público nas igrejas em que funcionavam pequenos grupos. Ao ser executado o evangelismo público, os pequenos grupos se perdiam no processo, ficando sem rumo. Em algumas igrejas, as atividades deles eram suspensas por vários meses e, ao terminar a campanha, eles se encontravam desarticulados e desmotivados, sendo inúteis quaisquer tentativas de reorganização, o que gerava prejuízos, frustração e descrédito no programa.

Entretanto, pequenos grupos e evangelismo público não são atividades excludentes nem concorrentes, mas inclusivas e cooperativas. Tudo depende dos métodos e estratégias utilizados, e existem providências que podem arremessar as forças, em vez de fragmentá-las, em favor do êxito da campanha.

O pastor é responsável pelo preparo e integração das lideranças dos pequenos grupos no projeto de evangelização. Coordenadores e líderes de pequenos grupos devem ser informados de tudo o que esteja relacionado com a campanha. Seus membros devem saber que tarefas lhes estão reservadas, que metas devem ser cumpridas, e também receber o material a ser utilizado, com as devidas orientações.

A região a ser evangelizada deve ser dividida entre as duplas missionárias e membros dos pequenos grupos, que acrescentarão à lista de interessados os nomes de amigos, familiares, vizinhos e outros com quem já estejam trabalhando ou pretendem trabalhar. A igreja, por sua vez, deve ser cuidadosamente preparada no âmbito espiritual. Cada membro deve receber um formulário ou cartão, no qual escreverá nomes de pessoas em favor das quais pretende orar e trabalhar.

## Vantagens

A realização de evangelismo integrado com pequenos grupos já evidenciou vantagens, entre as quais estão as seguintes:

- ♦ Comprometimento dos membros com futuros conversos.
- ♦ Formação de um círculo de amizade benéfica para o crescimento espiritual e fraternal dos novos membros.
- ♦ Reavivamento experimentado pela igreja, que assume a responsabilidade pelo evangelismo.
- ♦ Crescimento espiritual e união entre membros novos e antigos.
- ♦ Aquisição de consciência missionária por parte dos novos membros.
- ♦ Redução dos índices de apostasia.
- ♦ Apoio e assistência aos novos membros por parte dos líderes e membros dos pequenos grupos.
- ♦ Participação ativa da igreja na gestação e no nascimento dos novos membros.
- ♦ Integração dos novos membros na dinâmica da igreja: programações no templo, atividades missionárias e pequenos grupos nos lares.

## Calendário

A campanha de evangelismo deve ser planejada de tal maneira que os principais temas sejam abordados nos fins de semana, feriados e suas vésperas, a fim de que haja maior número de ouvintes. O estudo sobre o sábado, por exemplo, deve sempre acontecer numa sexta-feira, pelo menos da segunda para a terceira

semana de estudos doutrinários. A essa altura, os assistentes já devem ter adquirido certa base ou convicção na verdade, e confiança nas pessoas envolvidas na programação. Isso é extremamente necessário para a tomada de decisões que implicam mudança de estilo de vida.

Os membros dos pequenos grupos devem conhecer o cronograma da campanha evangelística e, em particular, quando serão apresentadas as doutrinas distintivas da igreja adventista. O apoio dos membros é fundamental no ensino de tais doutrinas, bem como para a decisão a ser tomada em relação a elas. É preciso compreender que estamos tratando com “crianças” na fé; pessoas confrontadas com mudanças inéditas na vida, que estão fazendo muitas coisas pela primeira vez. O desenvolvimento desses novos membros depende do exemplo e paciência demonstrados pelos antigos na fé.

No dia do início da campanha, que deve ser um sábado à noite, a sugestão é que o programa da Escola Sabatina seja realizado apenas com suas partes essenciais, para abreviar o tempo. Em seguida, sejam dadas as orientações a respeito de entrega de material e locais de trabalho das duplas. Com o material em mãos todos saem para pregar um “sermão vivo”. Cada pequeno grupo se dirige com suas duplas para a região em que habitualmente se reúne. Ali, os membros entregam convites aos amigos e vizinhos, confirmando a presença deles à noite, no local de reuniões. À tarde, esse trabalho continua, podendo ser feito em outras áreas designadas.

No decorrer da programação, os membros dos pequenos grupos devem receptionar os convidados e assisti-los no que for necessário durante a programação. Nas sextas-feiras, podem se reunir para avaliação do trabalho feito, seus resultados e eventuais necessidades de ajustes, mantendo assim o hábito de funcionamento dos pequenos grupos em seu costumeiro dia de reuniões.

Ao ser estabelecida a nova Escola Sabatina, os pequenos grupos funcionarão como unidades para estudo da lição, num ambiente em que haja interação e sincera demonstração de interesse no bem-estar dos novos irmãos.

Na ocorrência de cada batismo, os novos membros devem ser recebidos por seu respectivo pequeno grupo. A partir daí, cada pequeno grupo será responsável pela administração dos cuidados necessários à integração na comunidade

de crentes bem como ao crescimento espiritual desses novos conversos.

Durante a programação batismal (ou posteriormente, na igreja ou no pequeno grupo), deve haver um momento em que os batizados recebam seu “kit novo membro”: um exemplar da Bíblia e material missionário, para que entendam e, devidamente treinados, executem seu papel na missão da igreja.

Até a primeira reunião eclesialística ou do pequeno grupo, subsequente ao batismo, o novo membro deve conhecer seu “guardião da fé”, ou seja, aquele que o acompanhará de perto, responsabilizando-se por sua integração e seu desenvolvimento no corpo de Cristo. Com esse “guardião,” ou com outro membro experiente do pequeno grupo, o novo membro pode formar uma dupla missionária, integrando-se desse modo ao evangelismo.

## Experiências de êxito

No ano 2003, 33 estudantes do terceiro ano do Seminário Teológico da Faculdade Adventista da Bahia viveram a eficácia desse projeto. Eles se juntaram aos pastores e igrejas da Missão Sergipe-Alagoas, sob a coordenação do evangelista do Campo, e desenvolveram a experiência de fazer evangelismo público integrado aos pequenos grupos, nas 72 igrejas de Maceió, AL. Essas igrejas foram organizadas em pequenos grupos, cujos membros foram treinados pelos respectivos pastores. Antes da campanha, o número de membros na região era aproximadamente cinco mil. A esses foram acrescentados outros 3.003 novos membros entre os meses de fevereiro e dezembro daquele ano.

Dois anos depois, em 2005, a experiência foi repetida na cidade de Engenheiro Coelho, SP, também com alunos do Seminário Teológico do Centro Universitário Adventista de São Paulo. Os resultados também foram marcantes, considerando as realidades e o contexto locais. A igreja que tinha 120 membros teve acrescentados, até o fim da campanha, 32 novos conversos. Além da colheita numérica, a comunidade foi reavivada e permanece ativa na missão.

Indubitavelmente, esse modelo de evangelismo integrado sugere mais que uma alternativa missionária. Ele representa um caminho definitivo, e com êxito assegurado, para as campanhas de evangelismo público nas igrejas organizadas em pequenos grupos. 

# Assentado aos pés de Cristo



Ken Crawford

Presidente da Associação do Alaska, Estados Unidos

*Uma hora de comunhão diária transforma nosso dia, pela certeza de que Deus nos conduzirá em segurança, nas palmas de Suas mãos*

## COMUNHÃO

Habitualmente, me levanto cedo, vou à cozinha beber dois copos de água, reacendo a fogueira da minha mente e me dirijo ao escritório para meus momentos devocionais. Ali me encontro com Deus e, com o passar dos anos, concluí que não importa que rituais eu siga ou com que livros eu comece; tudo faz parte da minha audiência com o Criador. Existe um profundo mistério na comunhão; um delicado mecanismo operando que não posso interpretar, um processo celestial que não posso explicar.

O dia cheio de atividades me espera: tarefas a realizar, compromissos a serem cumpridos, pessoas com quem devo me encontrar, reuniões das quais tenho que participar, enfim, uma máquina se movendo em direção à produtividade. Porém, antes de qualquer coisa, eu me sento na quietude, esperando, ouvindo, atento ao eco do trono, um murmúrio do coração de Deus, o senso da presença do Seu Espírito em mim.

É na quietude desses momentos que a conversa flui do interior de minha alma. Derramo meu coração diante de Deus, os fardos do meu espírito, as sombras que me oprimem, a perplexidade dos relacionamentos. Tudo flui simultaneamente. Há também minha imperfeição, a tristeza por atitudes precipitadas que tomei ou coisas que deixaram de ser feitas. Há gemido em vez de cântico. A confissão é difícil, mas purifica, terminando sempre em gratidão. E me pergunto: "Por que eu, Senhor? Como foi que escolheste a mim?"

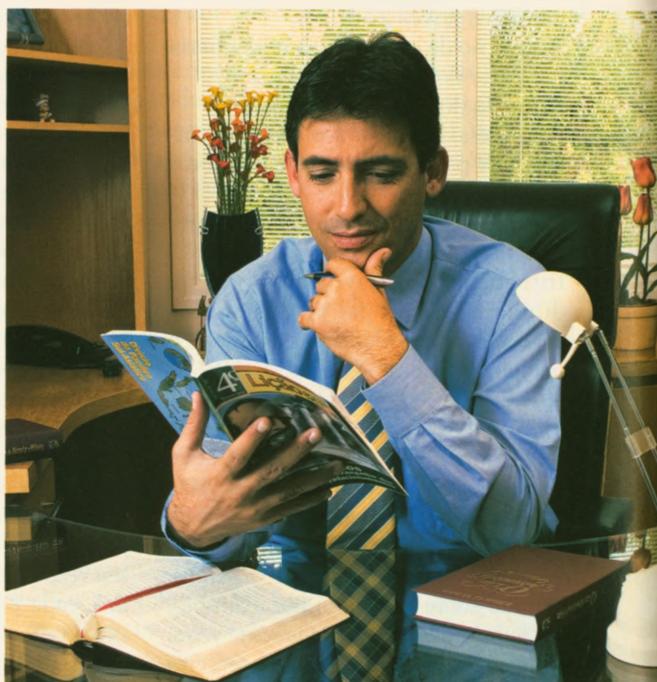
O coração agora se predispõe naturalmente a ouvir. "Terminei, Senhor. Se desejas me falar alguma coisa, estou aberto." Esperar uma resposta de Deus deve receber, pelo menos, tempo igual ao da conversa com Ele. Agora, em meio ao silêncio da alma, Ele fala ao meu coração. Algumas vezes, é apenas o senso de paz decorrente da certeza de que Ele me ouve, aceita, compreende e ama. Noutras vezes, tenho o senso de que o Sumo Sacerdote de minha alma recebe minhas débeis tentativas de cultuar, e minha oração é ouvida, aceita e respondida.

Assim, o rio de minha audiência com Deus flui através de abismos estreitos, despenhadeiros e vales,

até que, finalmente, repouse na segurança do leito da aceitação incondicional.

Eis o grande mistério da comunhão. Nossas orações são débeis, os desejos do nosso íntimo são indistintos e mesmo egoístas. Todavia, o milagre desse tempo com Deus é que o Espírito Santo compreende os motivos do coração. Escrevendo aos cristãos de Roma, Paulo diz que, "com gemidos inexprimíveis", o Espírito intercede por nós (Rm 8:26), e o Pai, que conhece a mente do Espírito, aceita o intento dos profundos desejos da nossa alma.

Precioso milagre, o desta hora com Deus! Uma hora de comunhão transforma nosso dia. A comunhão com Deus nos infunde a certeza de que Ele nos carregará seguros, através das tempestades da vida, em Suas mãos. Sem essa experiência, nenhum pastor deve ousar dar um passo sequer em suas atividades diárias. ✠



# 22 de outubro ou 23 de setembro?



Cristhian Alvarez

Diretor da Escola  
Adventista de Teologia  
do Equador

*Evidências que  
confirmam a  
compreensão  
adventista sobre  
a data do dia da  
expição*

**H**á algum tempo, os críticos da Igreja Adventista do Sétimo Dia têm questionado o dia 22/10/1844 como verdadeira data para o Dia da Expição, estabelecido na Bíblia como o décimo dia do sétimo mês (Tishri) no calendário judaico. Conforme o argumento crítico, os judeus de 1844 não celebraram o Dia da Expição nessa data, mas em 23 de setembro, ou seja, um mês antes da data tradicionalmente aceita pelos adventistas.

Um dos expoentes críticos afirma: “A pretensão adventista do sétimo dia contradiz diretamente a data judaica, porque o Dia da Expição, em 1844, na realidade caiu em 23 de setembro ... as enciclopédias e os calendários judaicos do século 19, os modernos calendários computadorizados, os cálculos astronômicos, a documentação histórica e até as datas nas lápides estabelecem sem sombra de dúvidas que, em 1844, o Dia da Expição caiu em 23 de setembro. No que concerne aos judeus rabínicos, 22 de outubro é simplesmente uma data espúria.”<sup>1</sup>

Armados com tais supostas evidências, os críticos tentam provar que os seguidores de Guilherme Miller estavam enganados e que os adventistas não têm fundamento para afirmar que nesse dia teve início o Juízo Pré-Advento. Por outro lado, é sabido que os mileritas não recorreram ao calendário rabínico para fazer seus cálculos cronológicos, mas ao calendário caraíta. Em resposta, os críticos afirmam que, em 1844, os caraítas celebraram o Dia da Expição no mesmo dia indicado pelo calendário rabínico, e que deve haver uma diferença no cálculo; diferença que “pode ter sido de apenas alguns dias, não de um mês completo”.<sup>2</sup> Desse modo, afirmam, o cálculo caraíta que sustenta 22 de outubro como sendo o Dia da Expição foi apenas uma invenção de Samuel Snow, e que já não tem sentido. Seria isso verdade? Que evidências existem favoráveis à data de 22 de outubro? É o que analisaremos neste artigo.

## Calendário judaico

A Bíblia indica que o primeiro mês no calendário religioso judeu era o mês de Abib (Dt 16:1). Nesse mês, conforme Levítico 23:6-15, devia ser celebrada a Páscoa, a apresentação dos primeiros frutos da colheita e a festa dos pães asmos. Para que isso fosse possível, em cada ano, Abib devia cair no tempo em que a colheita estivesse amadurecendo no campo, durante a primavera.<sup>3</sup>

Porém, as estações são marcadas pelo ano solar, ao passo que, no calendário judeu, são lunares. Isso significa que dependem diretamente das fases da lua.<sup>4</sup> Assim, um mês hebraico é o espaço entre uma lua nova e outra, ou seja, um período de 29 ou 30 dias. Por essa razão, o ano hebraico abrange um ciclo de 354 ou 355 dias, o que significa uma diferença de onze dias em relação ao ano solar. Posto que o calendário judaico estava atrasado em relação ao ano solar, havia o risco de que o mês de Abib chegasse mais cedo, em uma época em que a cevada ainda não estivesse pronta para a colheita. Essa defasagem era corrigida acrescentando-se um 13º mês, conhecido como Adar II, ao calendário judaico. Com isso, algumas vezes o ano judaico tinha 12 meses; e em outras, 13.

Segundo esse calendário, o Dia da Expição devia ser celebrado no décimo dia do sétimo mês, no mês denominado Etanim ou Tishri que, contado a partir de Abib, correspondia aos meses de setembro e outubro no calendário gregoriano, conforme a tabela:

Outro aspecto a ser considerado no entendimento do calendário judaico tem que ver com o início dos meses. O mês judaico iniciava com a observância do quarto crescente ao pôr-do-sol do dia 29 do mês, depois da lua nova. A lua nova é invisível ao observador; porém, em questão de várias horas, ou em um, dois ou quatro dias, aparece um “tênue quarto crescente... pouco depois do pôr-do-sol”.<sup>5</sup> Depois de avis-

tarem o quarto, os observadores oficiais o comunicavam ao corpo sacerdotal que dava por iniciado, oficialmente, o mês. Isso era feito com sinais de fogo transmitidos “de colina em colina para que todo Israel pudesse começar junto o novo mês”.<sup>6</sup> Caso alguma condição atmosférica impedisse de se ver o quarto crescente nesse dia, então o mês iniciava no dia seguinte depois do pôr-do-sol, ou seja, depois do dia 30, fosse a lua vista ou não.

### Calendário rabínico

A partir do século 4 (359 d.C.), o calendário judaico foi transformado em um calendário baseado exclusivamente em cálculos matemáticos, e não em avistar-se a lua perto do tempo de co-

lheita da cevada. Isso ocorreu quando o rabi Hillel II especificou os anos em que seria acrescentado um Adar II sete vezes em um ciclo de 19 anos.<sup>7</sup> “Esse ciclo de 19 anos é conhecido como o ciclo metônico”<sup>8</sup>, nome derivado do matemático grego Meton.<sup>9</sup> O princípio desse ciclo consiste em que, a cada 19 anos, a lua nova e a lua cheia caem nos mesmos dias do ano solar.

De acordo com a *Jewish Encyclopedia*, essa reforma do calendário foi causada pelas perseguições.<sup>10</sup> Uma vez que era impossível os judeus expatriados conhecerem a situação da colheita em Jerusalém, a fim de saberem o tempo das festas, o judaísmo teve que suprir essa deficiência com o calendário reformado, de modo que os judeus pudessem celebrar as festas independentemente da colheita. Isso produziu algumas mudanças nas datas das festas. Foi assim que, do século 4 em diante, o judaísmo rabínico, que aceita a Tanakh e o Talmud como ensinamentos autorizados, adotou esse calendário reformado, de acordo com o qual, efetivamente, o Dia da Expição, em 1844, caiu em 23 de setembro.

### Os mileritas e o calendário caráita

De acordo com Juarez de Oliveira, “os mileritas eram bem conscientes de que, em 1844, 1º de Tishri para os judeus ortodoxos era 14 de setembro e que seu Yom Kippur era 23 de setembro”.<sup>11</sup> Por exemplo, na publicação milerita, denominada *The Midnight Cry*, aparece a seguinte afirmação: “Nesta cidade, os judeus observaram a segunda-feira, 23 de setembro, como o décimo dia do sétimo mês, porém, nisto, certamente eles seguem o cômputo dos judeus rabínicos, e eles estão provavelmente um mês adiantados”.<sup>12</sup>

A declaração mostra que os mileritas estavam bem informados sobre o calendário rabínico e continuavam crendo que, em 1844, o Dia da Expição terminaria em 22 de outubro. E mais: é importante notar que a última frase da declaração mostra que não apenas proclamavam uma data diferente, mas que tinham razões para crer que o calendário estava “provavelmente um mês” adiantado.

Foi o milerita Samuel Snow que enfatizou, desde a primavera e o verão de 1844, que o décimo dia do sétimo mês “poderia terminar por volta de 22



Loban

Ilustração: Thiago Lobo

de outubro”, não segundo o cálculo rabínico, mas de acordo com o calendário caraíta.<sup>13</sup>

O termo caraíta significa literalmente “seguidor das Escrituras”.<sup>14</sup> Assim é denominado o movimento judeu conservador que, a partir do século 8, rejeitou o Talmud, incluídos as interpretações e os comentários midráshicos aceitos pelos judeus rabínicos, defendendo aceitação exclusiva dos ensinamentos das Escrituras. Nesse sentido, pode-se dizer que os caraítas eram os protestantes dentro do judaísmo.

Uma das coisas que os caraítas rejeitaram do judaísmo rabínico foi seu calendário, porque este segue um cálculo e não as Escrituras para iniciar o ano. Os caraítas optaram por aplicar o método bíblico de contagem dos anos, levando em conta o aparecimento da lua e da cevada no campo. “Ao fazerem isso, eles, algumas vezes, observavam suas festas um mês mais tarde que os judeus rabanitas.”<sup>15</sup>

## O artigo de Calman

Em harmonia com tudo isso, existe um artigo escrito em 1836, e publicado em abril de 1840 no *American Biblical Repository*. Seu autor, E. S. Calman, era um rabino judeu que serviu como missionário entre os judeus do oriente, sob o patrocínio de particulares. Quando escreveu o artigo, ele estava prestes a retornar a Jerusalém, de Beirute, aonde tinha ido recuperar a saúde. Esse documento, sumamente revelador, foi citado parcialmente em 5/12/1843 na revista *Signs of the Times*, e em 20/03/1844, no *Advent Herald*. Calman afirma:

“Quero começar afirmando um fato de grande importância, do qual eu era totalmente ignorante antes de chegar à Palestina. Esse fato provará que as estações dos festivais designados por Deus para a nação judaica têm sido anuladas e subvertidas pela lei oral dos escribas e fariseus... Na atualidade, os judeus na Terra Santa não têm o menor respeito por essa temporada nomeada e identificada por Jeová, mas seguem as normas prescritas na lei oral, a saber, acrescentando um mês a cada segundo ou terceiro ano, e assim fazem com que o ano lunar corresponda ao ano solar. E, ao chegar o dia 15 de Nisan, segundo esse cálculo, eles começam a celebrar a citada festa, mesmo que o *chedesh haabib* tenha passado, ou nem mesmo tenha chegado. Em geral, a verdadei-

ra festa é produzida depois que eles tenham celebrado todo o mês, o qual não é mais que reverter o mandamento na lei, segundo o qual o *chedesh haabib* deve preceder o festival...”<sup>16</sup>

Calman testemunhou pessoalmente, na Terra Santa, como o judaísmo rabínico desrespeitava a ordem festiva de acordo com a colheita, para seguir um cálculo prefixado. Como resultado, as festas de Abib eram celebradas até um mês antes da verdadeira data. Portanto, em 1836, os judeus caraítas da Terra Santa celebraram o início do ano mais tarde, um mês depois dos judeus rabínicos, no tempo da colheita da cevada. Essa informação de uma testemunha pessoal foi uma evidência muito forte para que os mileritas rejeitassem 23 de setembro como Dia da Expição.

Ainda assim, os críticos objetam, dizendo que a declaração de Calman representa somente uma opinião. Porém, isso não desacredita seu testemunho. Mesmo porque há um artigo em *Midnight Cry* que confirma, com base no testemunho de muitos viajantes, a verdade de que o calendário rabínico celebra o início do ano um mês antes que a cevada esteja pronta para ser colhida.

“Os cálculos rabínicos fazem com que o primeiro dia de Nisan comece com a lua nova mais perto do dia em que o sol entra em Aries, no equinócio de inverno. Deve ser observado que os judeus caraítas afirmam que os rabinos mudaram o calendário, de modo que seria impossível apresentar os primeiros frutos em 16 de Nisan, caso o tempo seja contado de acordo com os cálculos rabínicos. Isso ocorre porque a cevada não está na espiga em Jerusalém, senão um mês mais tarde. A informação de muitos viajantes confirma a posição dos caraítas.”<sup>17</sup>

Essa declaração novamente apresenta a discrepância entre os cálculos rabínicos de tempo e a época da colheita em Jerusalém, com base em testemunhas oculares. Portanto, a idéia de que Samuel Snow inventou o cálculo caraíta não se sustenta.

## Os caraítas em 1844

Para afirmar que, em 1844, os caraítas celebraram o Dia da Expição em 23 de setembro, a crítica se fundamenta no testemunho de um judeu caraíta

chamado Nehemias Gordon. Contudo, a questão deve ser analisada à luz da evidência aqui apresentada, sem ignorar que seu testemunho confirma a realidade da diferença de aproximadamente um mês entre o cálculo rabínico e o caraíta. Diz Nehemias:

Calendário judaico	Calendário gregoriano
1. Nisan ou Abib	Março/abril
2. Iyar ou Ziv	Abril/maio
3. Sivan	Maio/junho
4. Tammuz	Junho/julho
5. Ab	Julho/agosto
6. Etul	Agosto/setembro
7. Tishri ou Etanim	Setembro/outubro
8. Marjesvan ou Bul	Outubro/novembro
9. Kisleu	Novembro/dezembro
10. Tebet	Dezembro/janeiro
11. Sabat	Janeiro/fevereiro
12. Adar	Fevereiro/março

“Na Idade Média, os caraítas sustentavam apaixonadamente que o ano bíblico começava quando amadurece a colheita de cevada em Israel. Originalmente, o calendário rabínico havia seguido essa prática, porém, perto do século 9, adotaram um ciclo de 19 anos de intercalações (anos bissextos), que se aproxima de Abib, porém está longe de ser exato. Isso causava uma diferença de um mês entre o calendário caraíta e o calendário rabínico.”<sup>18</sup>

Em seguida, Nehemias cita um documento de Shlomon ben Efedah Hachohen, escrito em 1865, segundo o qual, nessa época, os caraítas já tinham adotado o ciclo rabínico: “Quanto a este longo tempo em que a busca de Abib foi abandonada até na terra de Israel, e eles [os israelitas] têm intercalado anos usando o sistema acima mencionado [o ciclo rabínico de 19 anos], como nós o fazemos fora de Israel, contra a decisão legal do Rav [ou seja, Baschyatchi] e do Hachamim [mencionado em uma citação de

Aderet Eliyahu] talvez para unir todas as comunidades e para evitar desacordo entre eles e nós ao fixar o ano.” De acordo com isso, Nehemias Gordon conclui que em 1865 os caraitas “em todas as partes estavam usando o ciclo rabínico de 19 anos. Portanto, o Yom Kippur deve ter sido celebrado pelos caraitas no fim de setembro de 1844”.<sup>19</sup>

De fato, essa citação comprova que “em algum ponto entre 1641 e 1860, os caraitas na Palestina começaram a usar o cálculo rabanita”. Mais exatamente, o artigo de Calman, em 1836, e o testemunho dos muitos viajantes demonstram que os caraitas de Jerusalém continuavam celebrando a festa de Abid segundo o método bíblico, entre 1836 e algum tempo antes de 1860. Assim, Pickle está correto quando diz ser “inteiramente possível que eles o fizessem ainda em 1844”.<sup>20</sup>

Não é de estranhar que os caraitas, longe da Terra Santa, tenham adotado o cálculo rabínico por causa da dificuldade de conhecer a situação da colheita em Jerusalém, e tenham celebrado o Dia da Expição em 23 de setembro. Portanto, ao afirmarem que os caraitas celebraram o Yom Kippur junto com os judeus rabínicos, os críticos simplesmente se referem a essa adoção tardia, ignorando o que acontecia entre os caraitas de Jerusalém entre 1836 e 1860.

## O cálculo milerita

Posto que o calendário rabínico diferenciava em “até um mês” do método de contar o início do ano, adotado pelos caraitas de Jerusalém, os mileritas tinham boas razões para esperar o Dia da Expição um mês depois da data proposta pelo cálculo rabínico. O documento seguinte contém a posição milerita quanto às festas judaicas:

“O ano sagrado judeu começava com uma lua nova na primavera. De acordo com o calendário comum judeu, o presente ano sagrado começou em 19 ou 20 de março, e a Páscoa foi 4 de abril. Porém, se isso era demasiadamente cedo para a colheita da cevada na Judéia, então o ano deve ter começado um mês depois, ou seja, aproximadamente em 18 de abril. Faremos uma lista dos festivais judaicos mais importantes e, sobre essa base, calcularemos cada mês, começando cerca de um dia depois da mudança lunar.

- ♦ “Início do primeiro mês, Abib ou Nisan – 18 de abril

- ♦ “A Páscoa – 2 de maio
- ♦ “Entrega das ofertas movidas – 4 de maio
- ♦ “Pentecostes – 23 de junho
- ♦ “Início do sétimo mês (soar das trombetas) – 13 de outubro
- ♦ “Décimo dia do mês – 23 de outubro
- ♦ “15º dia do mês (Festa dos Tabernáculos) – 28 de outubro
- ♦ “Considerando que a lua nova muda na noite de 11 de outubro, não será visível até o dia 13, sendo esse tempo mais provável para o início do décimo dia do sétimo mês.”<sup>21</sup>

Depois de argumentar radicalmente em favor de 23 de setembro, o crítico Sidney Cleveland acaba admitindo a possibilidade de um cálculo diferente de sua posição, mas vai esconder-se atrás da má interpretação de uma declaração de Ellen White:

“Primeiro, reconheçamos que é possível que alguns cálculos calendários caraitas de quase mil anos estejam errados em relação a um ou dois dias. É possível que uma comunidade isolada de caraitas tenha errado radicalmente e celebrado um dos dias festivos anuais no tempo equivocado, talvez até semanas antes ou depois da data celebrada pelos restantes judeus caraitas e judeus rabínicos. Qualquer coisa é possível, porque nenhuma comunidade caraita é imune a erros matemáticos mais do que seria uma comunidade adventista do sétimo dia. Porém, lembre-se, Ellen White nunca mencionou um calendário caraita. Ela confirmou o 22 de outubro de 1844 baseando-se no calendário judeu mosaico – seguido pelos judeus rabínicos – que aponta 23 de setembro como o décimo de Tishri em 1844.”<sup>22</sup>

Como demonstram os testemunhos externos de Calman e dos “muitos viajantes”, não existe erro matemático nos caraitas. Existe, sim, erro do crítico ao usar erroneamente a seu favor uma citação de Ellen White, na qual ela afirma: “no cerimonial mosaico, a purificação do santuário... ocorria no décimo dia do sétimo mês judaico”.<sup>23</sup> Para Cleveland, a expressão “cerimonial mosaico” implica que os mileritas deveriam basear-se no calendário rabínico, e não em algum cálculo caraita. Mas, o qualificativo “mosaico” não se refere ao calendário rabínico, e sim ao método bíblico de contar as festas, ou seja, ao método que os caraitas tinham adotado desde o século 8 até algum momento antes de 1860; o mesmo rejeitado pelos

judeus rabínicos. Em vez de favorecer, essa declaração de Ellen White refuta a crítica.

Ainda que existam outros mecanismos para determinar a validade de 22 de outubro de 1844, este artigo limitou-se a descrever a linha de evidência que os mileritas tinham ao seu alcance para preferir essa data. Se bem que não possamos falar de um calendário caraita físico, como o calendário rabínico, os cálculos dos caraitas de Jerusalém que mantinham a diferença de um mês em relação ao calendário rabínico existiram até a década de 40, nos anos 1800, e os mileritas estavam bem informados a respeito deles. Baseados nesses cálculos da Terra Santa, eles tiveram boas razões para esperar o Yom Kippur em uma data contrária à do judaísmo rabínico. Portanto, a arrogância crítica que argumenta que Samuel Snow enganou os mileritas fica desmascarada, ao se analisar o assunto sob o peso da evidência existente, não sob pressuposições mal intencionadas. ❧

## Referências:

- <sup>1</sup> Sidney Cleveland, *White Washed*, <http://www.ellenwhiteexposed.com/espanol/ww10.htm>
- <sup>2</sup> *Ibid.*
- <sup>3</sup> *Comentario Bíblico Adventista del Séptimo Día*, v. 1, p. 562.
- <sup>4</sup> Esta dependência pode ser observada pelos termos hebraicos usados para designar o mês: *x*, *rey* (lua) e *vd*, *xo* (lua nova).
- <sup>5</sup> C. Mervyn Maxwell, *El Misterio del Futuro Revelado* (Buenos Aires: Aces, 1991), p. 257.
- <sup>6</sup> CBASD, v. 2, p. 107.
- <sup>7</sup> Estes meses deveriam ser o terceiro, sexto, oitavo, décimo-primeiro, décimo-quarto, décimo-sétimo e décimo-nono de cada período de 19 anos.
- <sup>8</sup> <http://www.fortunecity.com/westwood/chanel/270/kronos/calendarios.htm>
- <sup>9</sup> <http://www.biografiasyvidas.com/biografia/m/meton.htm>
- <sup>10</sup> <http://www.jewishencyclopedia.com/view.jsp/artid=43&letter=C>
- <sup>11</sup> Juarez Rodrigues de Oliveira, *Chronological Studies Related to Daniel 8:14 and 9:24-27* (Engenheiro Coelho, SP: Imprensa Universitária Adventista, 2004), p. 92.
- <sup>12</sup> *The Midnight Cry*, 3/10/1844, p. 101.
- <sup>13</sup> Alberto R. Tim, *El Santuario y el Mensaje de los Tres Angeles* (Lima: Editorial Imprenta Unión, 2004), p. 38.
- <sup>14</sup> <http://www.caraitas.org/Karaite-Korner/caraismo.html>
- <sup>15</sup> Juarez Rodrigues de Oliveira, *Op. Cit.*, p. 88.
- <sup>16</sup> Bob Pickle, <http://www.picklepublishing.com/papers/karaite-reckoning-1844.htm>
- <sup>17</sup> *The Midnight Cry*, 11/10/1844, p. 117.
- <sup>18</sup> Nehemias Gordon, <http://www.ellenwhiteexposed.com/espanol/ww10.htm>
- <sup>19</sup> *Ibid.*
- <sup>20</sup> Bob Pickle, *Op. Cit.*
- <sup>21</sup> *The Midnight Cry*, 11/10/1844, p. 117.
- <sup>22</sup> Sidney Cleveland, *Op. Cit.*
- <sup>23</sup> Ellen G. White, *O Grande Conflito*, p. 400.

# Em ritmo de espera



Gary B. Swanson

Diretor associado de  
Ministério Pessoal e  
Escola Sabatina da  
Associação Geral da  
IASD

*O preparo  
para a volta de  
Jesus não está  
fundamentado  
no que sabemos  
a respeito dela,  
mas em Quem  
conhecemos*

**O**deio esperar! Sou daquelas pessoas que consideram muito importantes o tempo e a pontualidade. Talvez, esse seja um hábito que adquiri durante o tempo em que fui editor. Editores administram a vida através de prazos. Por mais de 25 anos, prazos foram o pulsar do meu trabalho. Para mim, perder um prazo era como se o coração omitisse uma batida, ou mesmo parasse. E esse sentimento não era bom.

Assim, quando sou obrigado a esperar pessoas atrasadas, parece que volto a experimentar o mesmo sentimento. Tiago White escreveu que “a posição de suspense não é a mais feliz para alguém”.<sup>1</sup> Sei exatamente o que ele queria dizer. Mas, o pastor White se referia à “posição de suspense” que experimentamos ao esperarmos o retorno de Jesus Cristo. Neste caso, existe alguma coisa que preciso aprender sobre espera. Há alguma coisa que muitos de nós necessitamos aprender.

Uma das mais conhecidas parábolas de Jesus aborda o assunto da espera pela volta de Cristo. É a parábola das dez virgens (Mt 25:1-13). “Então, o reino dos Céus será semelhante a dez virgens que, tomando as suas lâmpadas, saíram a encontrar-se com o noivo”, diz o primeiro verso. Todos aqueles que esperam o retorno de Jesus Cristo podem ser comparados às dez virgens que aguardavam a chegada do noivo. Com efeito, nós somos convidados para uma festa de bodas.

Cristo nos aconselha a permanecermos em vigilância, “porque não [sabemos] o dia nem a hora” (v. 13). Aliás, o próprio Jesus, segundo as Escrituras, não conhece o dia exato de Seu retorno ao mundo (Mt 24:36). Enquanto esperamos, temos que estar vigilantes. Mas, o que isso significa?

Em novembro de 1989, milhares de alemães derrubaram o muro de Berlim, assinalando o primeiro passo rumo à reunificação da Alemanha. No dia seguinte, um homem que tinha vivido na Berlim oriental apareceu em frente ao balcão da Biblioteca Memorial Americana, na Berlim ocidental. Ele trazia nas mãos livros que tinha tomado emprestados justamente 28 anos antes que o muro fosse construído. Durante todo aquele tempo, ele havia guardado os livros na esperança de que um dia tivesse a oportunidade de devolvê-los. Você pode imaginar o peso dessa dívida naquele coração?

Estou seguro de que os bibliotecários devem ter desistido de cobrar a multa por atraso. Mas, de certa forma, vivemos hoje a mesma situação vivida por aquele homem antes da queda do muro de Berlim. Cativos em nossa própria terra, esperamos o dia em que o muro de separação entre nós e Deus, erguido por Satanás, ruirá para sempre. Então, finalmente seremos capazes de ocupar nosso legítimo lugar como cidadãos do Céu.

Estamos falando de algo mais que mera reunificação nacional. Estamos nos referindo à nossa reunificação final com Cristo! Da mesma forma que as cinco virgens sábias da parábola, devemos estar prontos para a chegada do noivo. Seguramente, deve ter havido tempo, durante aqueles 28 anos, em que o cliente da biblioteca alemã duvidou de que ainda poderia ter oportunidade para devolver os livros. Mas, sua fé na liberdade foi tão forte que ele estava pronto na primeira oportunidade que lhe foi dada.

Com o passar dos anos, temos sido inspirados e motivados pelas palavras do hino: “Servos de Deus, a trombeta tocai, Jesus em breve virá!” Entretanto, devemos admitir que, às vezes, temos nos tornado um tanto desconfiados de que Ele ainda venha. Quando enfrentamos aflições e desapontamentos tão comuns à vida, podemos ficar desanimados. Em tempos como esses, nosso relacionamento com Cristo se torna mais importante. Então, podemos fortalecer nossa fé no fato de que os muros cairão e logo poderemos chegar ao eterno lar.

Somos informados de que “na parábola, todas as dez virgens saíram ao encontro do esposo. Todas tinham lâmpadas e frascos. Por algum tempo não se notava diferença entre elas. Assim é com a igreja que vive justamente antes da segunda vinda de Cristo. Todos têm conhecimento das Escrituras. Todos ouviram a mensagem da proximidade da volta de Cristo e confiantemente O esperam. Como na parábola, porém, assim é agora. Há um tempo de espera; a fé é provada; e quando se ouvir o clamor: ‘Aí vem o Esposo! Sai-Lhe ao encontro!’, muitos não estarão preparados. Não têm óleo em seus vasos nem em suas lâmpadas. Estão destituídos do Espírito Santo”.<sup>2</sup>

## Conhecimento e sabedoria

Jesus não disse que as cinco virgens eram “bem informadas” ou “instruídas”. Ele disse que elas eram sábias. Há grande diferença entre as duas coisas. É-nos dito que, no tempo do fim, “o saber se multiplicará” (Dn 12:4). Francis Bacon disse que conhecimento é poder. Se esse é o caso, como é possível que com tanto conhecimento disponível hoje, as pessoas corram desorientadas de uma parte a outra? Se conhecimento é progresso, não deveria o mundo ser melhor? Acaso, não deveria haver menos confusão e caos? Não deveria o mundo estar caminhando cada vez mais para a perfeição? Você já ficou surpreso com a possibilidade de que, no tempo do fim, as pessoas estejam correndo de uma parte para outra porque o conhecimento aumentou?

De fato, hoje, estamos diante de mais conhecimento do que nos é possível utilizar. Tudo isso é porque vivemos na assim chamada era da informação. O filósofo Jean Beaudrillard afirmou que “a mídia está tão saturada com informação e com tantas diferentes vozes disputando a audiência, que já não é possível sa-

ber o que você conhece ou quer mais”.<sup>3</sup> Rádio, televisão, jornais, internet, todos dizem estar apresentando novidades e fatos. Entrevistadores e comentaristas habilmente obscurecem a linha entre opinião e fato. E a internet provê tanto material que satura a mente. Já não vivemos na era da informação, mas na era da “obesidade informacional”.

*“Cristo providenciou características explicitas de Sua vinda, a fim de que estejamos despertos”*

Num episódio de um programa de televisão, centralizado na vida pessoal e profissional de um grupo de advogados em Boston, uma pequena empresa de advocacia enfrentou num tribunal, em condições desiguais, outra empresa mais influente e prestigiosa. A empresa maior estava representando uma corporação transnacional com recursos tão astutos que pareciam desafiar a gravidade. Quando a empresa vencida intimou legalmente a grande corporação, em busca de algumas informações, esta enviou uma quantidade desnecessária de relatórios. Isso foi uma clara tentativa de desencorajar a firma interpeladora na busca das informações específicas. O material continha tantos dados e documentação que a empresa menor não teve os recursos necessários para fazer a avaliação.

Se o mundo da jurisprudência realmente emprega tal estratégia ou ficção, fruto da imaginação de um criativo roteirista, isso mostra que é possível encobrir a verdade no meio de muitas informações inúteis. Se Satanás tem sua forma de agir, essa é literalmente o que a mídia faz em relação a nós: submerge a verdade em uma imensa extensão de dados imprestáveis e frequentemente destrutivos.

Assim, é inevitável concluirmos que muito da informação com a qual indulgimos tem sido motivado por nossa fome de mais dados, não de mais verdade. A escritora cristã Dorothy Sayers disse

o seguinte: “O público não se importa se está sendo informado da verdade ou não”.<sup>4</sup> E isso foi há sessenta anos, voltando na máquina do tempo a um lugar em que não havia coisas como as infundáveis maravilhas da cibernética. Em seus primórdios, a internet foi saudada como a mais democrática de todas as mídias. Possibilitando a todo mundo o acesso a informações valiosas, seus defensores bradavam que tínhamos, finalmente, chegado juntos a um futuro dourado.

Porém, nada disso levou em conta o elemento humano. A verdade é que a maioria de nós não confia na mídia para buscar uma equilibrada lista de informações. Vamos a ela simplesmente reforçar nossas pressuposições. Ela se tornou justamente outro instrumento de polarização. A disponibilidade de toda essa fantástica informação não nos tem mudado para melhor. Na verdade, temos nos transformado na mais extrema versão do nosso antigo “eu”. “Há razões para se pensar que a internet provavelmente mais promove a fragmentação social que o consenso social”.<sup>5</sup> Nenhum outro segmento da mídia pode ser categorizado como melhor. Mesmo a informação supostamente transmitida como notícia tem sua base em alguma ideologia.

Enquanto nos expomos a tais fontes de informação, devemos nos perguntar continuamente: Que importância têm estes fatos na avaliação cósmica? Quanto tempo devo eu dedicar ao acessar esses fatos, ou notícias a expensas de algo eterno, transcendente ou mais importante? Se estou gastando duas ou três horas, cada noite, diante de TV ou da tela do computador, e tenho apenas dez ou quinze minutos para ler superficialmente a Bíblia, não estou me tornando informacionalmente obeso?

Depois de tudo, quão crucial é estar informado de que determinado filme é campeão de bilheteria, ou que algum famoso gastou muito dinheiro comprando automóveis de luxo, que alguns governantes mergulharam na corrupção, ou em aventuras extraconjugais? Quão indispensáveis são as notícias veiculadas nos telejornais diários? É possível que eu seja “pobre, cego e nu” (Ap 3:17), enquanto sou rico em informações e bens materiais?

## Conhecimento e preparo

Todas as dez virgens da parábola de Cristo sabiam o que necessitavam saber

para estar preparadas. O simples conhecimento não era suficiente. Mesmo as que foram descritas como loucas sabiam tudo o que precisavam saber, mas não foram transformadas pelo que sabiam. Enquanto aguardamos o retorno de Jesus, não sabemos o prazo. Estamos em posição de suspense. Segundo nosso ponto de vista pelo menos, o tempo está expirando.

Quando lemos as profecias bíblicas, é difícil chegar a qualquer conclusão diferente de que estamos no limite do fim. E essa interpretação não é única dos adventistas do sétimo dia. O eminente cientista e matemático Sir Isaac Newton, em 1704, desenvolveu um manuscrito no qual, através de análise do livro de Daniel, predisse que o fim do mundo ocorreria aproximadamente 1.260 anos depois do estabelecimento do Império Romano. Isso não soa familiar a nós?

Não faz muito tempo, alguém expressou através da internet quão enervante é isto – mesmo para aqueles que estão comprometidos unicamente com razões humanas: “Quando você pensa em Isaac Newton, você pensa no pai da física e astronomia moderna, um cientista e racionalista, não algum alarmista apocalíptico... Isso faz você ficar um pouco apreensivo, ao lembrar que as predições de Newton a respeito da lei da gravidade e o movimento dos planetas se provaram corretas.”<sup>6</sup>

Se esperamos que o apocalipse seja nada mais que o fim completo da existência humana, poderia ser incompleto dizer que isso nos faz ficar um pouco apreensivos. Mas, para o cristão, a segunda vinda de Cristo é algo para se antegozar, porque nosso conhecimento desse evento tem efetivo poder transformador em nossa vida, na maneira de nos conduzirmos no trabalho, no diversos relacionamentos, em família, até em nossos momentos de solidão. A natureza humana deseja planejar adiante, especialmente no que tange àquelas coisas que aguardamos com sentimento de antecipação.

## Conhecer e estar preparado

Aqui está uma questão crucial: “Muitos professam ser prudentes, mas têm eles o Espírito Santo? Como um povo, professamos conhecer a verdade, mas de que proveito será isso se não aplicamos seus princípios em nossa vida?”<sup>7</sup> Nas Escrituras, o conhecimento

vai além de meros fatos. O amor de Deus é mais vasto que a medida da mente humana.

Jesus continuou, em Sua parábola: “E, saindo elas para comprar [óleo], chegou o noivo, e as que estavam apercebidas entraram com ele para as bodas; e fechou-se a porta!” (Mt 25:10). Como pôde isso acontecer? Como foi possível que uma parte das convidadas estivesse despreparada, mesmo sabendo como devia se preparar?

Jesus nos advertiu que, antes da Sua segunda vinda, falsos profetas e falsos cristos apareceriam na Terra, realizando sinais e milagres tão impressionantes que nos colocariam em perigo de ser enganados – e ficarmos perdidos. Se Hollywood hoje pode mesmerizar milhões de pessoas com histórias como a de Harry Potter, mesmo quando elas sabem que tudo isso foi predito, seguramente o demônio tem alguma habilidade de comunicação, e mídia à disposição, que ele pode usar “para enganar, se possível, os próprios eleitos” (Mt 24:24).

Contudo, as boas novas são as de que o próprio Cristo descreveu Seu segundo advento. Ele providenciou algumas características gráficas e explícitas de Sua vinda, a fim de que fiquemos bem despertos. E, se tivermos nosso preparo enraizado firmemente sobre vigilante estudo de Sua Palavra, não seremos enganados pelas contrafações de Satanás. Portanto, conhecer os fatos objetivos que a profecia bíblica providenciou para nós a respeito do retorno de Jesus torna-se uma parte de nosso preparo. E ainda existe algo mais.

“Sem o Espírito de Deus, de nada vale o conhecimento da Palavra. A teoria da verdade não acompanhada do Espírito Santo não pode vivificar a mente, nem santificar o coração. Alguém pode estar familiarizado com os mandamentos e promessas da Bíblia, mas se o Espírito de Deus não introduzir a verdade no íntimo, o caráter não será transformado. Sem a iluminação do Espírito, os homens não estarão aptos para distinguir a verdade do erro, e serão presa das tentações sutis de Satanás.”<sup>8</sup>

Nossa preparação para o retorno de Jesus – a chegada do noivo – transcende o que é meramente factual. Na verdade, devemos procurar estar bem informados a respeito do cumprimento das profecias, para não sermos enganados. Porém, também devemos conhecer experimentalmente Jesus. O preparo para

a Sua segunda vinda não pode ser comprado nem conseguido por empréstimo no último instante. Cada um de nós deve ter um relacionamento pessoal, experimental, com nosso Salvador.

A preparação para a volta de Cristo é relacional – está fundamentada não sobre o *que* nós sabemos, mas sobre *Quem* conhecemos. Notemos as palavras do noivo dirigidas às virgens despreparadas que clamavam pedindo que as portas fossem abertas: “Em verdade vos digo que não vos conheço” (Mt 25:12). Não havia relacionamento. Ao voltar Jesus, nossas lâmpadas devem estar bem cheias com o óleo do Espírito. Então, estaremos prontos para ir ao lar com Ele – para sempre!

*“O preparo para a volta de Jesus não pode ser comprado no último instante. Devemos ter um relacionamento pessoal com o Salvador”*

Tal experiência significará um tipo de existência completamente nova, que nenhum de nós conheceu antes. Será um retorno ao Éden há muito tempo perdido. Será um tempo e lugar em que “a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram” (Ap 21:4). As “primeiras coisas” e a condição de espera já não existirão. Será a eternidade com Jesus. ☺

### Referências:

- <sup>1</sup> Tiago White, *Life Incidents* (Battle Creek, MI: Steam Press of the Seventh-Day Adventist Publishing Association, 1868), v. I, p. 337.
- <sup>2</sup> Ellen G. White, *Parábolas de Jesus*, p. 408.
- <sup>3</sup> Glenn Ward, *Postmodernism* (Londres: Hodder & Stoughton Educational, 1997), p. 182.
- <sup>4</sup> *The Mind of the Maker* (San Francisco: Harper San Francisco, 1941), p. 11.
- <sup>5</sup> Gordon Graham, *The Internet: A Philosophical Inquiry* (Londres: Routledge, 1999), p. 83.
- <sup>6</sup> <http://thinkingshift.wordpress.com/2007/06/23/newtons-secret>
- <sup>7</sup> Ellen G. White, *Signs of the Times*, 01/08/1892.
- <sup>8</sup> \_\_\_\_\_, *Parábolas de Jesus*, p. 408.

# Síndrome de Nabucodonosor



**Laurence Turner**

Professor de Antigo Testamento no Newbold College, Inglaterra

*Ao anunciarmos  
o evangelho,  
proclamamos  
o triunfo do  
orgulho sobre a  
busca de status*

**N**o livro de Miquéias, assim está escrito: “Ele te declarou, ó homem, o que é bom e que é o que o Senhor pede de ti: que pratiques a justiça, e ames a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus” (Mq 6:8).

Um nervoso estudante de teologia parou em frente ao meu escritório e, com mil pensamentos fervilhando na mente, bateu à porta. Ele sabia o que o aguardava lá dentro. Poucos dias antes, ele havia pregado com toda a força do seu ser, na aula de homilética diante dos colegas e de uma câmera de vídeo. Agora, do outro lado daquela porta, seria submetido a julgamento. Em minha presença, ele poderia ver seu desempenho na exibição do vídeo.

Nesse momento, até os mais autoconfiantes batem timidamente à porta. Uma vez assentados diante do monitor, liguei o aparelho durante alguns minutos e convidei o aluno a se avaliar. Nessa circunstância, alguns mantêm os braços agarrados à cadeira, como se estivessem prontos para ser executados. Outros colocam as mãos na cabeça. Um deles certa vez gritou: “Este não sou eu!” Ocasões como essa, produzem humildade quase universal.

Mas, um dia, um jovem estudante, cheio de alegria no Senhor, veio fazer sua auto-avaliação. Sentou-se e começou a assistir ao seu sermão no monitor de vídeo, sempre balançando afirmativamente a cabeça. Às vezes, respondia com sonoros “améns” à própria mensagem, mostrando-se claramente abençoado. Terminada a apresentação, perguntei: “Como você avalia este seu trabalho?” Radiante, ele se virou para mim e disse: “Excelente! Absolutamente fantástico!”

Agora, nos voltemos para outra cena de orgulhosa auto-avaliação. O rei Nabucodonosor II, de Babilônia, está de pé em seu canto favorito – o terraço no jardim de seu suntuoso palácio, justamente ao lado dos jardins suspensos de Babilônia. E enquanto ele permanece ali, seus olhos escanerizam o horizonte. A dupla muralha se estende por 27 quilômetros, cercando sua capital. Do palácio, seus olhos vagueiam pelo sagrado caminho processional; um quilômetro distante, seus muros estão cobertos por tijolos esmaltados, refletivas telhas azuis, e decorados com 575 animais mitológicos. E então, sobre a grande cidadela de Esagila, ergue-se o templo ao deus Marduque, o zigurato de Etemenanki erguido 90 metros no ar. Uma ponte de 130 metros estende-se sobre o rio Eufrates. Tudo isso, sem mencionar outros três palácios e 53 templos.

Contemplando essa grandeza, o rei diz: “Não é esta a grande Babilônia que eu edifiquei para a casa real, com o meu grandioso poder e para glória da minha majestade?” (Dn 4:30). Você pode até pensar que não existe nenhuma ligação entre essa narrativa e o ministério pastoral. Porém, os relatos dos primeiros capítulos de Daniel apresentam a importância da espiritualidade para líderes que são usados por Deus. Em outras palavras, são relatos significativos para os pastores de hoje.

## Remédio para o orgulho

Nabucodonosor tomou Jerusalém. Ou, dizendo melhor, o Senhor entregou Jerusalém em suas mãos, como afirmou Daniel. Mas, no estágio em que se encontrava, Na-

bucodonosor não podia ver isso, pois ainda não tinha se encontrado com o Senhor. Ao contrário, ele acreditava que *seu* poder e *seus* esforços o tinham levado ao sucesso. Encheu-se com o orgulho da auto-realização.

Nabucodonosor sonhou com uma imensa e assombrosa estátua feita com muitos metais. Sua cabeça era de ouro, o ouro de Babilônia. Porém, como todo ídolo construído pelo homem, a imagem foi despedaçada por uma pequena pedra, lançada sem mãos. A pedra do reino de Deus. Nessa ocasião, Nabucodonosor apenas tinha ouvido a respeito de Deus; nada mais. E o destroçamento da imagem pouco representou para ele.

A resistência de Nabucodonosor à humildade não foi detida. Assim, ele construiu uma imagem inteiramente de ouro. Medindo 30 metros de altura, essa imagem só foi superada pelo legendário Colosso de Rodes, uma das maravilhas do mundo antigo que tinha 35 metros de altura. O tamanho daquela imagem dourada reacendeu o orgulho de Nabucodonosor. Mas, ao observar a fornalha em que lançou três jovens que não quiseram curvar-se a ela, e ver caminhando com eles uma terceira figura “semelhante a um filho dos deuses”, a verdade começou a raiar em seu coração, e nada mais.

Novamente, Nabucodonosor teve um sonho. Nesse sonho ele viu uma árvore que era uma representação dele mesmo. Seu tamanho mais uma vez acendeu o orgulho do rei. De fato, a árvore era enorme: seu topo alcançava o céu, “e era vista até os confins da Terra” (Dn 4:11). Isso explicava o orgulho do monarca babilônico – “Não é esta a grande Babilônia?”

Nos episódios anteriores, quando Nabucodonosor sitiou Jerusalém, ele era ignorante a respeito de Deus. Porém, *ouve* sobre Deus, quando Daniel interpretou o sonho da imagem multimetálica, depois *viu* as obras de Deus, quando os três amigos caminhavam na fornalha sem que tivessem queimado um só fio de cabelo. Mas, nesse episódio, o rei *experimentou* Deus. Qual foi o fator que o levou a tal experiência? Humildade.

Eis aqui um sábio pensamento para nós, como pastores. Corremos o perigo de oscilar entre dois extremos: por um lado, alimentando autocongratulação e orgulho, ou a síndrome de Nabucodonosor: “Não são estes meus candidatos ao batismo, minha congregação que



tenho construído e nutrido? Não é esta a minha igreja?” Por outro lado, podemos experimentar depressão – não cumprindo o que a igreja espera de nós: damos poucos estudos bíblicos e colhemos poucos batismos, alimentamos dúvidas a respeito do nosso chamado, mantemos relacionamento difícil com os membros, demandas do presidente da Associação, etc. O antídoto para os dois extremos de orgulho e depressão é humildade. A humildade de Nabucodonosor e sua árvore.

### A árvore

Nabucodonosor, o grande suserano do Império de Babilônia é representado pela árvore com a qual ele sonhou. A primeira lição dessa árvore para nós está relacionada com seu tamanho (Dn 4:10, 11). Era imensa, assim como a imagem metálica do capítulo 2 que representava os impérios do mundo. Mas, a humilde rocha do reino de Deus despedaçou esses altaneiros impérios, pois, no reino de Deus, grandeza não é importante.

Talvez fosse isso que Cristo tinha em mente quando falou: “O reino dos céus é semelhante a um grão de mostarda, que um homem tomou e plantou no seu campo; o qual é, na verdade, a menor de todas as sementes, e, crescida, é maior do que as hortaliças, e se faz árvore, de modo que as aves do céu vêm aninhar-se nos seus ramos” (Mt 13:31, 32).

É interessante notar que Jesus chama

o pé de mostarda de “árvore”, o que poderia ser exagero. O pé de mostarda não é árvore. Mas, Ele assim o chama porque Seus olhos estão no Antigo Testamento. E talvez, particularmente, no capítulo 4 do livro de Daniel e outros lugares em que árvores representam reinos. No sonho de Nabucodonosor, o reino de Babilônia é apresentado como uma árvore cuja altura chegava até o céu e abrigava aves em seus ramos. No livro de Ezequiel, a Assíria é como um imenso cedro do Líbano com aves nos ramos (Ez 31:3-6). E Cristo disse que o reino de Deus é como uma semente de mostarda, também com aves aninhadas em seus ramos.

Contudo, o grão de mostarda representativo do reino de Deus é muito insignificante em tamanho, perto da árvore de Nabucodonosor, que podia ser vista até os confins da Terra ou do altaneiro cedro do Líbano que era a Assíria. Justamente como a humilde pedra do reino de Deus era diminuta diante da imensa imagem multimetálica. Esse é o lado surpreendente do reino de Deus. Ele chega de modo surpreendente, não como uma altíssima árvore, mas como humilde planta de um jardim. Pois, o reino de Deus não será esmagado pelos impérios humanos nem é construído pelo poder e autoridade humanos. Na verdade, é uma aventura de fé.

Muitos de nós somos pastores de igrejas pequenas, de modo que podemos ser tentados a pensar ou dizer: “Coneheço tudo a respeito de humildade”.

A primeira congregação que pastoreei era composta de três senhoras: uma tocava o piano, outra recolhia a oferta e a outra dormia durante todo o sermão. Ali cheguei ostentando o título de mestre em Divindade, e pensando que estava aprendendo a ser humilde. Mas a história de Nabucodonosor é mais profunda, mais significativa que a minha. A árvore de seu sonho era grande e forte, justamente como o rei dizia: "Não é esta a grande Babilônia?" Ele absorveu todo o poder e glória de seu reino, em apenas um momento.

Houve Alguém que experimentou isso no passado. Foi conduzido a um lugar alto e viu todos os reinos do mundo em um instante. Observou a glória imperial de Babilônia, Pérsia, Grécia, Roma, China, dos Astecas, Zulus, França, Inglaterra e Estados Unidos. E foi tentado a aceitar os princípios dos reinos do mundo: "Levou-O ainda o diabo a um monte muito alto, mostrou-Lhe todos os reinos do mundo e a glória deles e Lhe disse: Tudo isto Te darei se, prostrado, me adorares. Então, Jesus Lhe ordenou: retira-te, Satanás, porque está escrito: Ao Senhor, teu Deus, adorarás, e só a Ele darás culto" (Mt 4:8-10). A resposta de Cristo mostrou que Seu evangelho está baseado não em orgulho e ambição humanos, mas em humilde fé em Deus.

Finalmente, isso foi o que Nabucodonosor aprendeu, quando seu orgulho foi abatido. Essa experiência de Nabucodonosor estabelece o cenário para todo o restante do livro de Daniel. Grandes cidades caem, ídolos imensos são destruídos, espantosos animais são abatidos, chifres presunçosos são arrancados, árvores frondosas são cortadas. Todos eles receberam o devido galardão, porque não assimilaram a lição aprendida por Nabucodonosor: o dom da humildade.

## Deus humilde

Mas, em que ponto queremos chegar? Qual é o aspecto essencial da humildade? O que tudo isso nos diz? A meu ver, o aspecto essencial da humildade não é o fato de conhecermos que Deus é eterno, onipotente, onisciente ou sermos subjugados por Sua grandeza. Certamente, podemos fazer isso. Entretanto, humildade significa muito mais, porque é um dos mais proeminentes e mais esquecidos atributos de Deus. Nosso Deus é humilde. E, ao exercitarmos humildade, experimenta-

mos algo que é dEle. Ao exercitarmos humildade, nos aproximamos ainda mais do Seu coração.

De fato, a Bíblia apresenta a majestade de Deus. Isaías viu o Senhor assentado em um alto e sublime trono, e a orla de Seu manto encheu o templo. Passagens assim tornam a humildade de Deus ainda mais empolgante.

Por Seu modo de agir, Cristo exemplificou a humildade. "Não tinha aparência nem formosura; olhamo-Lo, mas nenhuma beleza havia que nos agradasse. Era desprezado e o mais rejeitado entre os homens; homem de dores e que sabe o que é padecer; e, como um de quem os homens escondem o rosto, era desprezado, e dEle não fizemos caso." (Is 53:2, 3). "Sabendo este que o Pai tudo confiara às Suas mãos, e que Ele viera de Deus, e voltava para Deus, levantou-Se da ceia, tirou a vestimenta de cima e, tomando uma toalha, cingiu-Se com ela. Depois, deitou água na bacia e passou a lavar os pés aos discípulos e a enxugar-lhos com a toalha com que estava cingido" (Jo 13:3-5).

Qual foi, finalmente, a lição aprendida por Nabucodonosor? O rei Nabucodonosor II, grande suserano do Império Neo-Babilônico, aprendeu humildade tomando a forma de boi (Dn 4:33-37). Mas, Cristo, "subsistindo em forma de Deus ...a Si mesmo Se esvaziou, assumindo a forma de servo" (Fp 2:6, 7). Quando Nabucodonosor experimentou humildade, aproximou-se do coração de Deus. Este evangelho de humildade necessita de pastores humildes. Porque, ao exercitarmos humildade, também somos aproximados do coração de Deus.

Alguns anos atrás, cuidei de uma pequena igreja, com aproximadamente 50 membros, na costa leste dos Estados Unidos. Em nossa unidade da Escola Sabatina, ocasionalmente recebíamos um visitante que era um velho amigo. Ele não era membro da igreja, mas tinha interesse nas coisas de Deus. Pessoa modesta, discreta, de fala mansa, participava discretamente do estudo da lição da Escola Sabatina. Chamava-se John. Certo dia, depois da programação da igreja, fomos conversar. Estavam acontecendo os jogos olímpicos, e eu perguntei se ele tinha visto alguma competição.

"Um pouco", ele respondeu.

"Você gosta de atletismo?", perguntei, ao que ele respondeu: "Sim. Quando eu era mais jovem, participei de competições."

"Não diga! Você já participou oficialmente de alguma corrida?", continuei. Ele disse: "Um pouco".

"Qual foi sua maior conquista?", insisti, para me surpreender com a resposta: "Bem, acho que foi quando ganhei a medalha de ouro na Olimpíada de 1936."

John. John Woodruff, vencedor da corrida dos 800 metros, em apenas 52 segundos e nove décimos, nos jogos olímpicos de 1936, em Berlim. John Woodruff: membro da Escola Sabatina e campeão olímpico. E se eu não tivesse perguntado, não ficaria sabendo.

## Vitória sobre o orgulho

Como você percebeu no início deste artigo, dou aulas de Homilética. Por isso, freqüentemente sou interrogado: "Qual é a qualidade mais importante para alguém se tornar bom pregador?" Na maioria das vezes não sei o que dizer. Há tantas qualidades necessárias! Mas, e a mais importante? Recentemente, compreendi qual é: humildade. Humildade para levar a pregação a sério. Humildade para aceitar a autoridade das Escrituras. Humildade para aceitar que o Espírito Santo opera mais através de profundo estudo e intenso preparo em vez de tentar obtê-lo, rapidamente, sábado pela manhã. Humildade para aceitar que nossas congregações necessitam não de nossa inteligência, nem de anedotas triviais, ou surrados clichês, mas do fruto de nossa labuta com as Escrituras e do fruto de nossa experiência espiritual.

Quando proclamamos o evangelho de Jesus Cristo, anunciamos o triunfo da humildade sobre o orgulho e a busca por status. Necessitamos orar em favor da vitória da humildade em nosso pastorado.

"Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, pois Ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a Si mesmo Se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-Se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a Si mesmo Se humilhou, tornando-Se obediente até à morte e morte de cruz" (Fp 2:5-8).

Sim, Cristo Jesus nos mostrou, em Sua própria vida, o que Miquéias escreveu. Ele nos mostrou o que é bom. E o que o Senhor requer de nós? Que pratiquemos a justiça, amemos a misericórdia, e andemos humildemente com nosso Deus. 

# A profetisa e suas fontes



Kevin Morgan

Pastor na Carolina do Norte, Estados Unidos

Divulgação Ministry

*Segunda e última parte de um estudo sobre a acusação de plágio nos escritos de Ellen G. White*

Há pouco mais de 25 anos, o jornal *Los Angeles Times* publicou um relato sob o título *Plagiarism Found in Prophet Books* [Encontrado Plágio nos Livros Proféticos], e Walter Rea publicou seu livro *The White Lie* [A Mentira Branca]. Há pouco mais de 20 anos, o Dr. Fred Veltman publicou o relatório para o *Life of Christ Research Project* [Projeto de Pesquisa Sobre a Vida de Cristo]. Desde então, a pesquisa de Veltman tem sido ignorada ou reinterpretada pelos críticos virtuais que apoiam as afirmações de Walter Rea no sentido de que o livro *O Desejado de Todas as Nações*, de Ellen G. White, contém mais de 90% de plágio.

Depois de oito anos de pesquisa, Veltman calculou que apenas 31% das sentenças em *O Desejado de Todas as Nações* continham alguma “semelhança verbal” com outras obras e que a média de dependência literária estava insignificativamente acima da “livre paráfrase”.<sup>1</sup> Portanto, sua conclusão foi a de que Ellen G. White não cometeu plágio. Ele escreveu: “Um escritor só pode ser legitimamente acusado de plágio quando seus métodos literários transgridem as práticas estabelecidas da comunidade geral de escritores, produzindo obras do mesmo gênero literário dentro de um contexto cultural comparável. Em nossa pesquisa, encontramos que as fontes de Ellen White foram previamente usadas, cada uma na mesma forma que ela usou posteriormente. Às vezes, os paralelos entre as fontes eram tão precisos que tínhamos dificuldade para decidir qual fonte ela usou.”<sup>2</sup>

## Os rumos da pesquisa

Se era tão difícil decidir qual fonte foi usada por ela, não poderia haver outro mecanismo para descobrir semelhanças verbais além da apropriação intencional de uma palavra aqui outra ali, em trinta obras diferentes? E qual era a prática geral da comunidade de escritores da época, que serviram de fontes para Ellen G. White? Enquanto eu escrevia um livro sobre esse mesmo tema, em parceria com Marcella Anderson, assistente de pesquisa do Dr. Veltman, pesquisei algo que me ajudou a encontrar respostas para essas perguntas.<sup>3</sup>

Começando com as listagens no livro de Rea e as que foram delineadas no relatório de Veltman, o pesquisador David J. Conklin mergulhou em uma análise sistemática de todos os exemplos de alegado plágio em *O Desejado de Todas as Nações*. Não demorou muito para ele descobrir que Rea empregou várias técnicas para apoiar suas conclusões. Walter Rea incluiu passagens bíblicas comuns como parte do material “copiado”, omitiu material do início, meio e fim de sentenças, inseriu elipses e mudou estruturas, para esconder textos não-paralelos.

Conforme o estudo progredia, Conklin assumiu outra tarefa sugerida por Veltman: determinou-se a encontrar uma forma de contabilizar quantas palavras as supostas fontes literárias tomaram emprestadas de outras fontes. A tarefa poderia ter sido desanimadora, não fosse o atalho provido pela tecnologia da informática.

Nas duas últimas décadas, a internet facilita cada vez mais aos estudantes o processo de “cortar e colar” palavras alheias. Felizmente, ela também tem instrumentos

para detectar plágio. Um desses instrumentos, distribuído pela Universidade da Virgínia – *WCompypfind* – compara dois ou mais documentos e aponta suas semelhanças. Desde que os plagiadores normalmente tiram frases inteiras de outras obras e lhes fazem uma leve maquiagem, os criadores desse programa de computação recomendam procurar seqüências de seis ou mais palavras com permissão para duas variantes em cada seqüência.

Tendo os meios e padrões para comparar as “fontes” de Ellen White com outras e com *O Desejado de Todas as Nações*, Conklin começou a reunir os originais necessários em formato de texto. Antes de sua pesquisa, Conklin assumiu que, além de equiparar versos bíblicos, ele deveria estar preparado para descobrir grande número de outros fraseados justapostos. Surpreendentemente, a pressuposição se provou falsa. Depois de tudo, como observou certo colaborador da discussão a respeito do plágio nos escritos de Ellen White, “quantas maneiras existem de contar a história da Bíblia sem usar palavras e frases da Bíblia?”

O resultado de sua comparação foi bastante revelador. Entretanto, como leitores, devemos estar cientes de que a análise de um capítulo não determina definitivamente a prática geral de Ellen White, nem a prática dos escritores contemporâneos dela. Porém, evidência se grandes autores, incluindo a Ellen White, recorreram a outras fontes.

### Observação e análise

A equiparação de frases das obras *The Life of Christ Research Project* e *O Desejado de Todas as Nações* foi registrada por ordem cronológica de publicação. Frases usadas em contexto diferente ou que resultaram de uso de material

bíblico idêntico foram eliminadas (45 versos diferentes). Frases que são iguais a textos bíblicos foram diferenciadas por referências escriturísticas parentéticas, permitindo ao leitor julgar por si mesmo se elas foram tomadas emprestadas da obra anterior.

E, através do exame dos resultados da pesquisa, é possível perceber que a maioria dos autores analisados “usou” autores antigos. Mas, apenas o fato de que dois autores utilizem linguagem semelhante não quer dizer que um “roubou” material do outro. No artigo anterior, vimos que é possível o uso de frases semelhantes por autores diferentes como resultado de uma assimilação inconsciente de palavras e vocabulário de outra obra que foi lida. De fato, isso até pode ser chamado de “plágio inconsciente” ou criptonésia, que é o uso inadvertido de uma expressão previamente conhecida.

Um dos resultados interessantes da pesquisa desenvolvida por Conklin foi o grande número de coincidências verificadas no livro *O Desejado de*

*Todas as Nações*, porém, foram descartadas, pois eram igualadas literalmente ou parafrazeavam as Escrituras. Houve outras frases idênticas descartadas, mas que foram usadas em diferentes contextos. Apenas cinco frases paralelas em *O Desejado de Todas as Nações* não estavam diretamente relacionadas com a Bíblia; e duas dessas frases foram tiradas de obras que não estavam catalogadas na biblioteca pessoal de Ellen White, embora tenham sido encontradas outras expressões similares que estavam presentes em outras obras catalogadas em sua biblioteca.

O fato é que o empréstimo de outras fontes, tomado por Ellen G. White, era prática bem aceita por escritores contemporâneos seus. Ademais, como escritora que se ocupou de descrever a vida de Cristo, ela não foi a única pessoa a usar inadvertidamente expressões de outros escritores. E, acima de tudo, seus escritos demonstram independência e interação de pensamento, em vez de plágio. 

#### Referências:

<sup>1</sup> Fred Veltman, *The Desire of Ages Project: The Data*, Ministry, outubro de 1990, p. 6.

<sup>2</sup> \_\_\_\_\_, *The Desire of Ages Project: The Conclusion*, Ministry, dezembro de 1990, p. 14.

<sup>3</sup> <http://www.dedication.www3.50megs.com>



# Questão de prioridade



Emílio Abdala

Professor no Seminário Teológico da Faculdade Adventista da Bahia, Cachoeira, BA

*É possível que estejamos tão empenhados em conquistar uma geografia, que nos esqueçamos de vencer a guerra*

**F**iquei entusiasmado com o convite para pregar em uma comunidade brasileira na cidade de Richmond, estado da Virgínia, nos Estados Unidos, em julho de 2004. Depois de realizar uma breve pesquisa na internet, descobri que perto daquela cidade estava a vila de Jamestown, onde os colonos ingleses estabeleceram o primeiro assentamento permanente no continente americano (a índia Pocahontas viveu ali). Havia também a possibilidade de visitar Williamsburg, um dos locais da guerra de independência, e a própria Richmond.

Essa cidade foi a capital dos estados rebeldes do sul, que pretendiam se desligar da União, por causa da escravidão. O escritor Geoffrey Perret descreve a confusão ocorrida no alto comando do exército da União durante aquele período de guerra civil americana, entre o norte e o sul. Ao que parece, o presidente Abraham Lincoln não conseguiu dissuadir seus generais de atacar Richmond no fim da guerra. Por qual razão os generais tinham verdadeira obsessão de capturar Richmond, não sei. Contudo, eles persistiram. Finalmente, Lincoln desafiou seus estrategistas com a seguinte observação: “Que ganharemos capturando a cidade? Vocês só ganharão geografia. Senhores, nosso propósito é ganhar a guerra!”<sup>1</sup>

## Visão definida

Uma reflexão sobre nossas prioridades em relação ao nosso programa eclesial, nestes últimos anos, poderia levantar as seguintes perguntas: Será que não estivemos constantemente lutando algumas batalhas sem muita importância? Será que não estivemos conquistando alguns objetivos irrelevantes e, conseqüentemente, atrasando a vitória final sobre o mal? Por trás de centenas de jovens afastados da igreja, de tantas cidades ainda sem presença adventista e de um índice tão grande de membros inativos, poderia se dar o caso de as nossas estratégias estarem direcionadas meramente a conquistar uma geografia que não ajudará finalmente a ganhar a guerra? Daí, a importância de definirmos um objetivo, um alvo específico, uma visão que oriente nossa estratégia.

Em três passagens bem sugestivas, a Bíblia nos dá um sentido claro dos objetivos e métodos a serem seguidos pelos departamentos e ministérios da igreja:

“Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século” (Mt 28:19, 20). “E Ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo... para que não mais sejamos como meninos, agitados de um lado para outro e levados ao redor por todo vento de doutrina” (Ef 4:11-14). “E o que de minha parte ouviste através de muitas testemunhas, isso mesmo transmite a homens fiéis e também idôneos para instruir a outros” (2Tm 2:2).

O processo de discipulado está inserido na Grande Comissão dada por Jesus aos Seus seguidores: “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo; ensinando a guardar todas as coisas que



vos tenho ordenado”. Jesus gastou Seu ministério terrestre ensinando e treinando discípulos. Agora, Ele os ordena a repetir o mesmo processo com outros. A missão da igreja está aqui definida de modo muito claro: os discípulos de Cristo são chamados, treinados e comissionados a fazer discípulos de todas as nações, através das ações de ir, batizar e ensinar. Qualquer coisa menos que isso é simplesmente atacar Richmond. Pode nos levar a conquistar uma geografia, mas não a vencer a guerra.

### Treinamento e capacitação

Em Efésios 4:11-14, de forma bem resumida, temos o plano de Deus através do qual Cristo efetua o crescimento de Sua igreja. Basicamente, nosso chamado é para o aperfeiçoamento, ou treinamento “dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo”. Essa passagem se afigura mais apropriada ao lermos a parte final dos versos 13 e 14. Existe aqui um desafio especial aos que trabalham com adolescentes, juvenis e novos membros. Os líderes devem conduzi-los à maturidade “à medida da estatura da plenitude de Cristo, para que não mais sejamos como meninos, agitados de um lado para outro e levados ao redor por todo vento de doutrina”. Esse texto sugere a tarefa de guiar os membros da igreja, principalmente os adolescentes, num mundo marcado pela confusão, para que resistam à sua propaganda e ajudá-los a crescer em direção à maturidade espiritual, possuindo senso de identidade e compromisso com a missão.

Dirigindo-se a Timóteo, o apóstolo Paulo transmite a seu “jovem filho na fé” uma instrução especial. O texto em consideração (2Tm 2:2) é relevante para uma igreja, em sua maioria composta por jovens, porque sugere outra confirmação ao chamado a fim

de equipar indivíduos para o ministério. Paulo escreve: “e o que de minha parte ouviste através de muitas testemunhas, isso mesmo transmite a homens fiéis e também idôneos para instruir a outros”.

Uma rápida observação desse verso sugere quatro gerações de multiplicadores espirituais: Primeira, Paulo; segunda, Timóteo; terceira, homens fiéis e, quarta, outros. Os jovens devem ser treinados para assumir a liderança da igreja. Obviamente, esse tipo de ministério leva tempo e requer comprometimento. Outros objetivos podem ser mais fáceis de atacar, outras metas podem ser mais populares e mensuráveis, mas, para isso, existem os diversos departamentos da igreja e precisamos ser capturados por essa visão.

### Alvo pastoral

A grande meta do ministério pastoral é pura e simplesmente o discipulado. Porém, com que se parece um jovem discípulo? São pessoas que conservam o cabelo curto? São aqueles indivíduos que mantêm bom comportamento no namoro? São aqueles fiéis irmãos que ministram estudos bíblicos de casa em casa?

Discípulo era uma palavra favorita de Jesus, que tem sido usada aproximadamente 270 vezes nos evangelhos e no livro de Atos. De modo geral, um discípulo é “um seguidor comprometido de um grande mestre”.<sup>2</sup> No sentido específico, discípulo é “alguém que vai a Jesus em busca de vida eterna, que reconhece Jesus como Senhor e Deus, e que está dedicado a segui-Lo”.<sup>3</sup> A palavra sugere identificação com Cristo, no caráter e missão, conforme os textos seguintes:

“Disse, pois, Jesus aos judeus que haviam crido nEle: Se vós permanecerdes na Minha Palavra, sois verdadeiramente Meus discípulos; e conhecereis a verda-

de e a verdade vos libertará” (Jo 8:31, 32);

“Novo mandamento vos dou:

que vos ameis uns aos outros; assim como Eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois Meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros” (Jo 13:34, 35); “Nisto é glorificado Meu Pai, em que deis muito fruto; e assim vos tornareis Meus discípulos” (Jo 15:8); “Ele, porém, respondeu: Certo homem deu uma grande ceia e convidou muitos. ... E qualquer que não tomar a sua cruz e vier após Mim não pode ser Meu discípulo. ... Assim, pois, todo aquele que dentre vós não renuncia a tudo quanto tem não pode ser Meu discípulo” (Lc 14:16, 27, 33).

Jesus Cristo declarou que ser discípulo é se tornar como o Mestre, no mesmo ministério, mensagem e sofrimento: “O discípulo não está acima do seu mestre, nem o servo, acima do seu senhor. Basta ao discípulo ser como o seu mestre, e ao servo, como o seu senhor.” (Mt 10:24, 25); “o discípulo não está acima do seu mestre; todo aquele, porém, que for bem instruído será como o seu mestre” (Lc 6:40).

Ao definir o discipulado como estratégia para os próximos anos, com o objetivo de treinar líderes discipuladores e envolvê-los na seara para multiplicar discípulos, a igreja será espiritualmente sadia e as boas-novas de Cristo alcançarão cada pessoa no mundo. Isso é ganhar a guerra. ☛

#### Referências:

<sup>1</sup> Geoffrey Perret, *Lincoln's War: The Untold Story of America's Greatest President as Commander in Chief* (Nova York: Random House, 2004), p. 470.

<sup>2</sup> Michael J. Wilkins, *Following the Master: Discipleship in the Steps of Jesus* (Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 1992), p. 25-31.

<sup>3</sup> *Ibid.*, p. 40.

# Pregação audiovisual

*Como evitar extremos na utilização dos recursos da informática durante o sermão*

## PONTO DE VISTA

Em tempos pós-modernos, é possível observar nos púlpitos de muitas igrejas algumas mudanças que são motivo de sérias preocupações. O uso de recursos visuais, especialmente apresentações em *Power Point*, em alguns casos tem-se mostrado abusivo, pois tem substituído o lugar da Bíblia como centro da pregação. Outros se têm ocupado de experiências pessoais, anedotas, ou dão à mensagem apenas um enfoque existencialista que coloca o homem acima da doutrina e revelação bíblica. Alguns pregadores não mais têm lido a Bíblia com a congregação, durante a pregação. Paulo escreve a Timóteo: “Pregue a Palavra, esteja preparado a tempo e a fora de tempo, repreenda, corrija, exorte com toda a paciência e doutrina” (2Tm 4:2, *Nova Versão Internacional*).

Entendo que pessoas são diferentes e que métodos diversos devem ser usados para alcançá-las. Mas, em nenhuma circunstância a Bíblia deve ser substituída na pregação.

As apresentações visuais devem ser usadas mais para palestras ou temas evangelísticos em que há necessidade de reforço no ensino. Em se tratando de sermões, podem ser evitadas, ou então devem ser usadas dentro das técnicas em que o uso do *Power Point* seja um suporte para o pregador e não o centro das atenções. Nessas apresentações, alguns pontos devem ser considerados:

- Uma citação bíblica jamais deve ser projetada antes de uma chamada feita num slide anterior. Assim que todos lerem na Bíblia, deve então o pregador colocar o slide seguinte para confirmar o texto lido.
- O slide deve conter apenas as chamadas para os tópicos a serem abordados, sem explicá-los. A explicação é feita pelo orador.
- A projeção deve conter, no máximo, seis linhas com tópicos que devem ser explicados pelo orador através da Bíblia e da pregação.
- Alguns pregadores se limitam a ler os slides durante

todo o tempo, o que se constitui erro. O maior elemento de comunicação não é o slide, mas o pregador.

- O uso de citações é apropriado para slides, pois o pregador pode solicitar a participação da congregação na leitura. Isso fortalece o aprendizado.
- Durante a apresentação, o pregador deve se manter olhando para a congregação. Por isso, a tela do *notebook* deve servir de apoio visual para ele.

Sabemos que há pessoas extremamente visuais e que a pregação audiovisual exerce impacto significativo na sua compreensão. Mas os pregadores precisam cuidar para não ir a extremos e abandonar a Bíblia. Somos admoestados: “Não devem os pastores pregar opiniões de homens, não devem contar anedotas nem encenar representações teatrais, nem exhibir-se; mas, como se estivessem na presença de Deus e do Senhor Jesus Cristo, têm de pregar a Palavra. Não introduzam na obra do ministério leviandades, mas preguem a Palavra de maneira que deixe em quem os escute, a mais solene impressão.”<sup>1</sup>

Ao abrir a Palavra de Deus no púlpito, os pregadores estão em uma posição de grande responsabilidade, portanto, “preguem a Palavra”<sup>2</sup>, como Cristo, o Filho de Deus, pregava a Palavra. Isso produzirá êxito evangelístico. Em outra admoestação oportuna, nos é dito: “Se houvéssemos constantemente pregado a Palavra, teríamos maior colheita para o Mestre.”<sup>3</sup>

O orador precisa se preparar, o que significa viver em comunhão com Deus, estudar a Bíblia, conhecer as técnicas de pregação e do preparo de sermões, e, principalmente, ter amor pelos pecadores. Esses fatores são decisivos no púlpito. E a utilização equilibrada de recursos audiovisuais apenas servirá de apoio, e evitará distorções na pregação bíblica. ❧

### Referências:

<sup>1</sup> Ellen White, *Review and Herald*, 28/09/1897.

<sup>2</sup> Ellen White, *Evangelismo*, p. 184

<sup>3</sup> *Ibid.*, p. 210.



Emmanuel Guimarães

Secretário ministerial  
da Associação Paulista  
Central

# Sanatório Adventista Del Plata completa 100 anos

Susana Cayrus  
Da Argentina

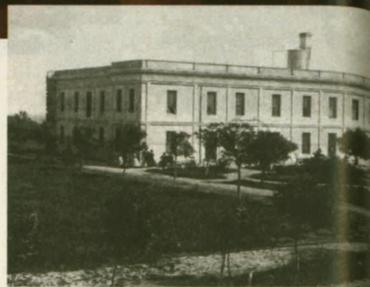
Em 2 de dezembro de 1901, chegaram a Buenos Aires, Argentina, o Dr. Roberto Habenicht e sua família, procedentes dos Estados Unidos. Ele havia terminado o curso de Teologia em Battle Creek, Michigan, e o curso de Medicina na Universidade do Estado de Iowa. Depois de trabalhar em seu país como pastor e médico, aceitou o convite para colaborar com a igreja adventista na Argentina. Em março de 1902, ele se mudou para Crespo, Entre Rios, e imediatamente começou a atender pacientes.

Em 1903, o Dr. Habenicht mudou-se novamente, desta vez para as imediações do Colégio Adventista de Camargo (hoje Universidade Adventista Del Plata), dividindo seu tempo entre a docência e a medicina. No início de 1908, ele decidiu inaugurar uma instituição médica formal. Com ofertas de amigos, no fim daquele ano começaram a ser levantadas as paredes do Sanatório Adventista Del Plata.

Apesar de muitas limitações materiais, o sanatório rapidamente adquiriu prestígio graças ao trabalho dedicado de médicos, enfermeiros e técnicos.



Fachada atual e o prédio há um século



Hoje, ao completar 100 anos de trabalho em favor da saúde de milhares de pessoas que ali chegam de perto e de longe, o Sanatório Adventista Del Plata conta com amplas instalações, modernos e atualizados equipamentos e centenas de profissionais da área médica.

Como complemento ao trabalho realizado na sede do sanatório, em Libertador San Martín, duas filiais estão funcionando nas principais cidades de Entre Rios: Paraná e Concordia. Ao todo, 617 funcionários se esforçam para promover a recuperação física, mental e espiritual das pessoas com as quais Deus os põe em contato.

*Cristo é nossa promessa, nossa realidade e nossa vida. Com Ele, nada nos falta, embora pareça que nos falte tudo. Com Ele, somos vitoriosos, embora a vitória pareça distante. Com Ele, somos filhos de Deus e vivemos seguros, embora a insegurança nos assalte a cada passo. Se angustiados, nEle confiamos. Se afligidos, caminhamos com Ele. Se perseguidos, para Ele fugimos. Se caluniados, confiamos nEle. Por Cristo vivemos e por Ele morremos. Nada nos intimida. Nada nos espanta. Nada nos detém.*

*Somos livres em Cristo e de Cristo somos escravos. Somos Suas testemunhas, Seus colaboradores, Seus servos, Seus embaixadores. Sua propriedade somos. Sua justiça é nossa justiça. Suas obras, nossas obras.*

*Ele é nossa consciência e a força de nossas ações. Ele é nossa alegria e o gozo de nossa vida. Nossa vida é Ele, e Ele é tudo o que somos. Nada queremos que não seja dEle, nada que nos separe dEle. Nele vivemos e nos movemos e somos. Ele é tudo para nós, em tudo.*

## Para pensar

Mario Veloso

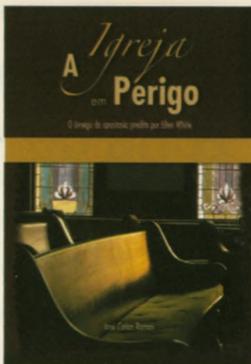
*Começamos a atingir nosso potencial pleno assim que entregamos nosso coração sem reservas a Deus. Na melhor das hipóteses, o coração humano é instável, frágil, enganoso e mau. Mas, quando entregamos nosso coração em total confiança a Deus, Ele desperta em nós uma fé capaz de esperar pelo inesperado. Não precisamos mais nos conformar com a segunda melhor opção e uma vida marginal. Entregar o coração a Deus significa confiar nEle totalmente, apoiar-se em Sua bondade e crer em Suas promessas. Significa fazer da obediência uma prioridade.*

Barry Black

*Cheguei à conclusão de que a vida tem que ver com fidelidade, não com sucesso, e a fidelidade nas pequenas coisas é o teste para maiores serviços e responsabilidades. Sendo capaz de trabalhar com integridade, mesmo quando meus melhores esforços pareciam ser ignorados ou não apreciados, eu estava, na verdade, me preparando para o prazer maior de serviços mais amplos, pois a fidelidade traz sua própria recompensa. Comemore os começos hesitantes, crendo que todas as coisas são possíveis para os que dependem da bondade de um Deus generoso.*

Barry Black





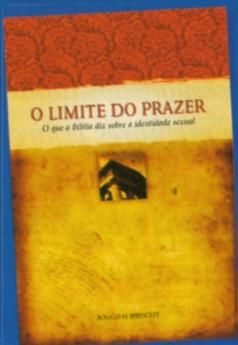
## A IGREJA EM PERIGO

José Carlos Ramos, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP; 80 páginas; tel.: 0800 979 06 06; sac@cpb.com.br

Este livro descreve os paralelos entre o engano “alfa” e o engano “ômega” mencionados por Ellen G. White. Na visão do autor, o primeiro se refere aos ensinamentos panteístas do Dr. John Harvey Kellogg, e o segundo, às atuais especulações sobre a personalidade do Espírito Santo. Em ambos os casos, o resultado é a negação da Divindade. Leitura oportuna para orientação de pessoas sinceras diante dos modernos questionamentos antitrinitários.

## O LIMITE DO PRAZER: O QUE A BÍBLIA DIZ SOBRE A IDENTIDADE SEXUAL

Ronald M. Springett, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP; 224 páginas; tel.: 0800 979 06 06; sac@cpb.com.br

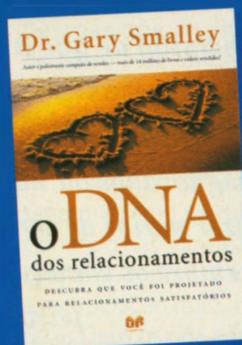


Muitas pessoas evitam discutir a homossexualidade. No entanto, não se pode fechar os olhos para a existência do homossexualismo até entre membros de comunidades cristãs. A realidade é que, se o assunto não for tratado de forma séria, vão continuar se multiplicando pilhérias, mitos, curiosidades e perguntas. Com base em pesquisas culturais e

históricas, e sólido fundamento bíblico, o autor deste livro revela coisas que você precisa saber.

## O DNA DOS RELACIONAMENTOS

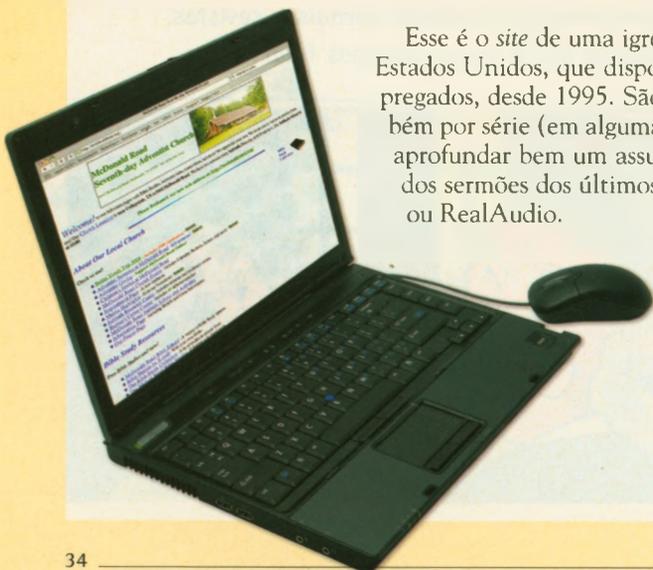
Gary Smalley, Editora Hagnos, São Paulo, SP; 254 páginas; hagnos@hagnos.com.br



Neste livro, o Dr. Gary Smalley analisa as várias formas dos relacionamentos humanos. Suas percepções fundamentam-se em cinco anos de pesquisas relacionais que apresentam resultados considerados magníficos: uma média de 90% de sucesso em solução de conflitos e aumento de 72% em relacionamentos satisfatórios. Qualquer pessoa

que ler este livro melhorará todos os seus relacionamentos.

## VEJA NA INTERNET <http://mcdonaldroad.org>



Esse é o site de uma igreja adventista localizada na cidade de McDonald, Tennessee, Estados Unidos, que disponibiliza na internet o texto integral de todos os sermões ali pregados, desde 1995. São mais de 600 sermões, classificados por data, assunto e também por série (em algumas igrejas são pregados muitas séries de sermões, o que permite aprofundar bem um assunto e despertar interesse através da continuidade). No caso dos sermões dos últimos três anos, o site oferece também o áudio, nos formatos MP3 ou RealAudio.

Esses sermões, geralmente de grandes pregadores adventistas, podem servir de fonte de inspiração e pesquisa para outros pregadores. Outros subsídios importantes desse site são os estudos bíblicos (clique no link *Bible Study Collection*) e a coleção de histórias infantis (no link *Burney's Critter Corner*). – Márcio Dias Guarda



Divulgação DSA

Ranieri Sales

Secretário ministerial  
associado da Divisão  
Sul-Americana

# Esperança que faz arder o coração

*“Recordando-nos, diante do nosso Deus e Pai, da operosidade da vossa fé, da abnegação do vosso amor e da firmeza da vossa esperança em nosso Senhor Jesus Cristo” (1Ts 1:3)*

Hoje é terça-feira. Estou começando minhas atividades no escritório da Divisão. Seria um dia como outro qualquer, mas, aconteceu algo que fez arder meu coração e que já está transformando meu dia. Acabei de ouvir uma linda mensagem em nosso culto matutino sobre a volta de Jesus. O pregador foi abençoado ao reacender nos corações a chama da sublime esperança.

Entreí na sala e comecei a refletir sobre a importância da esperança na vida cristã, ou melhor, em minha vida. Quero compartilhar com você algumas conclusões a que cheguei. Há pelo menos dois tipos de esperança: o primeiro é a falsa esperança. É a experiência de alimentar no coração uma expectativa em torno de algo que nunca se concretizará.

Dias atrás, ouvi alguém contando que havia feito uma combinação de números para a Mega-Sena. E dizia que ficou tão empolgado com a possibilidade de se tornar milionário que passou realmente a achar que poderia ganhar. Aquela semana foi a mais tensa e expectante de sua vida. Suas esperanças estavam voltadas para o sorteio que aconteceria no fim-de-semana. À noite, não conseguia dormir. Fazia planos para a fortuna. No trabalho, imaginava as mudanças que aconteceriam a partir da semana seguinte.

Os dias foram passando e a expectativa aumentando. A esperança era tão grande que ele se sentia melhor, mais feliz. Horas antes do sorteio, foi procurar o bilhete da aposta. Mas... não podia acreditar no que acabava de perceber. Tudo tinha sido em vão. Horas de sono perdidas, planos para o futuro, casa nova, carro novo, tudo o que ele havia acalentado com tanta esperança durante a semana se revelara sem nenhum fundamento. A esposa, que devia ter comprado o bilhete no início da semana, simplesmente havia esquecido, e a aposta não tinha sido feita. Uma falsa esperança!

A falsa esperança é falsa porque, mesmo sendo sincera, está fundamentada em coisas que não são seguras ou não são verdadeiras. A Bíblia diz que “a esperança do ímpio perecerá” (Jó 8:13). É de partir o coração ver multidões à nossa volta vivendo uma falsa esperança. Sem Deus, muitas pessoas depositam suas esperanças nas futilidades que o mundo apresenta. Outras, apesar

de terem o mais sincero sentimento religioso, amparam as esperanças em falsidades, em produtos oferecidos pelo mercado da fé dos nossos dias. São no mais estrito sentido da expressão “ovelhas que não têm pastor”.

A Palavra de Deus motiva a viver a verdadeira esperança, aquela que vem de Deus e sacia a alma. O salmista ergue a voz e canta: “Somente em Deus, ó minha alma, espera silenciosa, porque dEle vem a minha esperança” (Sl 62:5). É a esperança que não se limita a esta vida, mas que extrapola o tempo e o espaço; é a esperança da vida eterna. Por isso, a volta de Jesus é o foco principal da esperança do cristão.

Poderia existir algo mais sublime e desejável que a esperança contida nestas palavras: “Porquanto o Senhor mesmo, dada a Sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descenderá dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; depois, nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e, assim, estaremos para sempre com o Senhor” (1Ts 4:16, 17)?

Esperança e fé andam juntas, embora sejam diferentes. O fundamento da fé está no passado e o fundamento da esperança está no futuro. Paulo afirma que “se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé” (1Co 15:17). Assim, a fé está fundamentada no evento da cruz que culminou com a ressurreição. Nossa fé não é algo vago, suspenso sobre o nada. Ela está edificada em uma obra realizada no passado. Por isso a Bíblia define fé como certeza e convicção (Hb 11:1).

A esperança da volta de Cristo é resultado da fé na redenção já garantida por Sua morte e ressurreição. Temos esperança na volta do Senhor porque Ele morreu e ressuscitou. Isso nos assegura o cumprimento pleno de Suas promessas. E assim, fé e esperança dão as mãos. “Fé é a certeza de coisas que se esperam”, diz a Bíblia (Hb 11:1).

Querido pastor, pense mais sobre a volta de Jesus; tome tempo para imaginar a cena gloriosa dos anjos levando os remidos para o encontro com o Senhor nos ares. Deixe seu coração ser aquecido com essa realidade futura, mas cada vez mais perto de nós. Sua vida e ministério serão mais plenos de amor a Deus e desejo de anunciar a razão da nossa esperança a um mundo perdido. **M**

*“Somente em Deus,  
ó minha alma,  
espera silenciosa”*



viva com  
esperança

**Jesus em  
breve voltará**

Um só exército  
Uma só missão  
Uma só esperança  
Um só dia

Distribuição de 20 milhões de revistas

Aplicação de um milhão de adesivos

Colocação de 10 mil outdoors nas  
principais cidades da América do Sul

Divulgação do portal missionário na Internet

**Faça parte deste Impacto!**

**Impacto Esperança  
6 de setembro**

[www.esperanca.com.br](http://www.esperanca.com.br)